

EDITA PER
SANTO LEGHESI
STRADA 10

REVISTA DE ENSINO



REVISTA DE ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

MACEIÓ, MARÇO-ABRIL DE 1928

NUM. 8

Antagonias da Didactica na Unilateralidade do Ensino

These apresentada na PRIMEIRA CONFERENCIA DE EDUCAÇÃO NACIONAL realizada em Curityba, capital do Paraná, aos 19 de dezembro de 1927, pelo prof. RENATO DE ALENCAR, lente de Pedagogia da Escola Normal de Maceió e Delegado da Instrução de Alagôas na CONFERENCIA.

A falta de estudos de natureza pedagogica que regularizem o ensino entre as populações do interior, vem causando á existencia do pais, males de variados aspectos, cada qual que mais se caracterize no trabalhar em desgabos para tropeços em nossos destinos.

Um dos maiores males é este: inspirar a emigração da população rural para as cidades, ou então formar individuos inimigos do trabalho do campo.

O de que precisamos para pôr termo ao phenomeno demographico, assumpto que nos inspirou escrever esta these, é de, antes da applicação de methodos de ensino na população rural infantil, procedermos a estudo intelligente sobre a elaboração das materias a ensinar, contanto que se não repita o erro em que nos vemos compromettidos, a concorrer criminosamente para o retardamento e desequilibrio social e economico do Brasil.

Para alcançar-se um methodo normal, consentaneo com a razão, applicado ao ensino rural, faz-se mister acurado estudo de psychopedologia, especialmente no que concorre ás percepções, comparativamente, entre

as creanças do meio *mato* e as do meio *praça*. E' sabido que essas percepções, pela influencia do meio social e physico, soffrem differenças radicaes. (1) ajustando-se muito bem o conceito repetido por Piffault (2): "tant vaut le milieu, tant valent ceux qui y vivent".

Servimo-nos ainda de A. Piffault, e tomamos de sua obra as seguintes indicações abonadas tambem por W. James, cuidadoso psychologista que interessam á natureza da educação das creanças:

"De 7 a 12 ans, des intérêts speciaux apparaissent. Ils orientent les jeux. Car, cet âge est par excellence l'âge actif. L'enfant utilise sa connaissance du milieu. Chasse, guerre, pêche, dressage d'animaux, constructions diverses, jardinage, troc, commerce, voyages, retiennent diversement son attention. Il aime tout ce qui marche, court, vole,

(1) Cf. Rouma, *Pedagogie Sociologique*. Le Bon, *Psych. des foules*, Guyau, *Education et Heredité*.

(2) *Psych. app. a l'Education*, 32.

agit... , et les machines qui paraissent vivre. A ce moment apparaissent l'instinct de sociabilité et l'émulation (3).

E mais :

“Après 12—15 ans chez les garçons, commence la puberté. C'est un âge nouveau, un tournant de la vie, caractérisé par des profondes transformations. L'affectivité s'exagère. Des intérêts nouveaux se montrent : — intérêts sociaux, moraux, religieux, esthétiques”.

Deante do que se observa na vida real e o de ha muito recolhido pelas experiencias da psychologia, vemos que as percepções da infancia da cidade são absolutamente diferentes das que possuem as crianças do interior, do *mato*, nos latifundios agricolas e pastoris, nos centros ruraes. Isso, tomada a observação em sentido geral, sem distincções de classe. Temos, pois, que, entre crianças de 7 a 12 annos, começa de pronunciar-se a *idade activa*, utilizando-se dos seus conhecimentos para com o meio onde vive. Suas tendencias se manifestam, se desenvolvem e se solidificam de parallelo com suas percepções. Assim, a criança dos centros urbanos é attraente o *foot-ball*; agrada-lhe a agitação das praças; aprecia as seratas musicas nos coretos dos jardins publicos; fascina-a o cinema; os bondes electricos, os autos, os *omnibus*, o aspecto cosmopolita e cosmoramico da cidade a tornarão mais tarde um escravo, um habitado aos grandes meios. O conforto da luz electrica lhe faz ter horror á escuridão, aos humildes processos da iluminação antiga. A commodidade do transporte moderno a faria derramar lagrimas dolorosas, se se visse forçada a peonear jornadas fatigantes nos invios e selvagens roteiros dos sertões.

(3) Op. cit. 43.

Cresce a tendencia de sociabilidade, de emulação. Está, portanto, a criança na fachada da Vida. Mais um passo e eis o Mundo ! Para sua conquista, para conhecê-lo e poder suportá-lo, apontam-lhe a Escola, onde receberá a necessaria instrução. Cursa essa criança todos os annos da serie de ensino que lhe dizia respeito até que chega á idade começo da puberdade, a *nova idade*, na qual ha *revoltões* na vida, caracterizados por profundas transformações.

E então a criança de 7—12 annos é agora o mancebo de 18 annos. Faz parte da sociedade. Critica-lhe os habitos; disente religião; tem preconceitos e gostos estheticos. Raciocina e ja se julga um emancipado. Dali, ou desfrutará o meio de vida a que se habituou, ou então emigrará em derrota de centros maiores que o caibam.

De qualquer maneira é sempre um individuo preparado para as conquistas pelas funcções intellectuaes, um individuo de sociedade. Se as profissões liberaes lhe forem inacessiveis, então sonhará com a doce malandria de sinecurista, ingressando na burocracia pelas descaradas ogivas do afilhadismo providencial. E não mais se preocupará com o vencer pelo trabalho, pelo esforço, pela competencia da conquista. Mais um que se nullifica. Braços perdidos. E' este, geralmente o resultado do ensino subministrado á população escolar da cidade.

Passemos agora ao interior, ao meio rural, ao engenho, á fazenda, ao povoado humilde do sertão, ao *habitat* do caboclo, ás “choupanas de paxiubas cobertas de caranahys” (4).

Ali nas cidades, nas capitães, nos centros populosos e de civilização avançada, como agora aqui no interior, nos sertões, os go-

(4) “O Fim da Epopeia” — Craveiro Costa.

vernos fundaram e mantêm escolas que se destinam a desanalfabetizar e educar o povo.

Entretanto, quanto mais se semeia de escolas o interior, mais ignorante permanece o matuto. Qual a causa? Simplesmente esta: a adopção dos mesmos livros e processos antiquados que se conhecem nas escolas da cidade.

Voltando ás observações indicadas na obra de Piffault, já citada, vemos quão prejudicial é essa forma de ensino. De natureza perceptiva e sensorial a divergir da creança da cidade, pelo meio ambiente integral, a creança do *mato* findará entretanto, num individuo tendente á praça. E' verdade que os governos, tanto municipaes, como estaduaes e mesmo as iniciativas particulares, fundam escolas no interior. Mas de *bom* so ha mesmo a intenção. O resto a colher é *mau*.

Resulta esse contraproducto, da incompreensão e despreparo pedagogico dos professores, e do erro já infelizmente secularizado de se subministrarem os mesmos ensinamentos a alumnos de possibilidades diversas, o que resulta no encaminhamento para uma exclusiva e mesma educação social em flagrante prejuizo para o progresso do país. Essa unilateralidade de ensino é a causa de um dos maiores e mais serios problemas de nosso país: — o despovoamento do interior em certas regiões como o Nordeste, o desamor da vida agricola, o estacionamento da pecuaria. O aniquilamento do campo, enfim.

A escola rural como está a funcionar no interior é mais um mal que um bem, desde que ensinar a ler, a escrever e contar, sem preparar o homem para seu uso, não é instruir e educar. Soffrendo as mesmas influencias da didactica applicavel ás escolas da cidade; em contacto com os compendios escriptos para a educação da mocidade dos centros populosos; a ouvir fa-

lar dos attrativos da vida das capitães, dos surtos da civilização, a creança do interior vae-se modificando, formando-se pouco a pouco em su'alma modelavel uma nova natureza, até culminar no desgabo da vida dos campos, na repugnancia por aquelle meio atrazado, retrogrado, aquella vida de selvagens. Dahi a tendencia que, de ordinario, todo individuo do interior manifesta de buscar meios *grandes*, logo que se vê possuidor de alguns conhecimentos literarios.

Que deveriam, pois, fazer os governos para pôr embargos ao exodo da mocidade do campo para as cidades?

Resolver o problema pela Pedagogia, estabelecendo um programma pedagogico que fosse desempenhado por profissionaes, pessoas de reconhecida capacidade instructiva e educativa, possuidoras de solida cultura psychologica e poder de observação, de fórma que acompanhassem com recursos proprios a applicação de *tests*, como por exemplo os *B—S* (5), e outros indicados pela experiencia, o curso da nova orientação, até que se podesse julgal-a util ou innocua.

Para isso apenas teriam os governos que bipartir o systema de ensino monoplanico actual, em dois ramos essenciaes ou basilares:

- a) — Educação urbana;
- b) — Educação rural.

A observação pedagogica do *habito*, que tanta discussão tem suscitado, teria aqui immediata applicação. Dest'arte, a instrução escolar a dar-se ao alumno do *mato*, não deveria ser moldada, absolutamente, como ainda é, nos mesmos processos, na mesma didactica, que caracterizam o ensino subministrado á infancia das cidades.

A alguém, mais *philosophico* do que pratico, poderiam occorrer, em contraposição,

(5) Binet—Simon, Cf. Piffault op cit.

as opiniões de Rousseau e Kant, que acceitam todo o automatismo adquirido sem dependencia da actividade consciente (6). Contra essa theoria, porém, se levantam Ribot e Le Bon, cujas theses foram mais acceitas e de suas affirmações ja tem tirado a pedagogia scientifica os mais uteis resultados.

Por outro lado, Huxley, na sua obra "Physiologie Elementaire", ao apreciar a educação militar, vem em abono das theorias de Ribot-Le Bon :

"On peut poser en règle que si deux états mentaux quelconques sont provoqués simultanément ou successivement un certain nombre de fois et avec une certaine vivacité, il suffira plus tard que l'un d'eux se produise pour provoquer l'autre et cela independamment de notre volonté" (7).

Ora, mesmo habituados, quer no lar, quer no meio social em que vivem, a ver e a ouvir cousas e assumptos relativos á vida rural, os alumnos não serão o prolongamento daquelles lares, ou elementos analogos ao meio, se houver vehiculos de natureza educacional e instructiva que lhes alteram a maneira de pensar e de sentir.

A talho de foice nos vem a magnifica observação do emerito pensador e sociologo inglês, e o que, da possibilidade da educação affirma elle :

"Le corps de l'homme après l'éducation est donc devenu différent de ce qu'il était d'abord, et différent de celui de l'homme á qui cette éducation a manqué; il est rempli de propriétés qui y sont comme emmagasinées, et de facultés

acquiées qui s'exercent sans que la conscience y ait part" (8).

Esse vehiculo anormalizador da unidade de vistas entre o individuo e o meio, vehiculo cuja intervenção causa esse perigoso desequilibrio, tem séde no ensino moldado na didactica do intellectualismo reinante, que o inocula, e então se desenvolve por varias vias :

- a) pela suggestão ;
- b) pelo exemplo ;
- c) pela tendencia emigratoria.

Os agentes são :

- a) o professor ;
- b) os livros ;
- c) os processos de ensino.

Se fosse possivel fazer-se um recenseamento do movimento emigratorio do sertanejo para o litoral, para os seus centros populosos, e, muitas vezes, dahi para o estrangeiro, figariamos espantados de ver como se perdem tão proveitosos elementos de collaboração á cultura do solo, á pecuaria; como estacionam e atrophiam as zonas ruraes, simplesmente pelas desastrosas influencias do ensino errado que adoptamos.

Raro é o jovem do interior que, depois de adquirir conhecimentos literarios, deseje continuar no meio tranquillo e feliz onde nasceu e vivem os de sua familia. Uma nova natureza lhe surge, lhe regula os actos, creando-lhe presumpções estranhas, insolitas.

Essa natureza se desenvolverá ainda mais se o jovem enveredar no caminho desolador da literaturice de futilidades de que está inçado o immenso organismo nacional...

Ouçamos o que, a este respeito, disse batalhador incansavel pela redempção intellectual do Brasil :

"No Brasil, assim como na França e em Portugal, grande parte da mocidade perde-se para a vida acti-

(8) Id. ibid. pag., 7.

(6) Piffault, 59, op. cit.

(7) In W. Bagebot, "Lois scientifiques du developpement des nations.

va em consequencia de ter o seu espirito cheio de literatura de ficção. Todo acto humano origina-se de uma ideia. Os romances e a literatura de ficção povoam o espirito da mocidade brasileira de cousas imaginarias" (9).

Dahi por de avante outra personalidade psychica o dirige. Se é dotado de imaginação mais ou menos fertil, deixa de ser o homem equilibrado e pratico util a si e ao meio, para ser o idealista, o sonhador de cousas inverosímeis, em alcandoras inatingiveis, conforme mais aó deante nos diz Oliveira Vianna, e nós o ratificamos com provas reaes.

Já tivemos oportunidade de observar o pessimo effeito do nosso ensino errado no espirito do homem do interior, do trabalhador rural. Um dos últimos factos observados, se deu, faz cerca de 4 annos, num Collegio que fundámos na cidade de Patos, zona mater e genuina do véro sertão parahybano. Dentre nossos educandos havia um rapaz de 16 annos, typo exterior do roceiro, vestindo-se mal, sem elegancia, habituado que estava desde a infancia á vida do campo na fazenda dos paes, distante da cidade cerca de 3 leguas.

Criava e era esforçado, apaixonado plantador de algodão, cultura que, naquella região, é de imparelhavel superioridade, considerado sem igual no mundo, por sua alvura, resistencia e singular extensão de sua fibra. (10)

Esse rapaz, que era de costumes simples, a me conversar sempre acerca dos gados de sua fazenda, das safras de seus *taboleiros* de algodão velho, com 15 a 20 annos de produccão, ainda plantados por seu avô; a me falar da vida que levava no cam-

po, das *vaquejadas*, da sua coragem e pericia no derrubar bravissimos garrotes, tempos depois me falou que estava com vontade de ir estudar num dos collegios da capital daquelle Estado. Antes, ja lhe notáramos certa normalidade em seus habitos e lhe acompanhavamos a transição para outras concepções da vida e do mundo.

Ficámos admirados daquella resolução; entretanto reconhecemos perfeitamente a causa cellular, a vesicula germinatoria de taes pensamentos; — o ensino errado que lhe davamos no educandario. A origem fôra de facto aquella. Sómente isso poderia ter influenciado na alma daquelle sertanejo ignorante para que esposasse ideia tão extravagante e prejudicial a si, á familia, e, em verdade, á propria nação.

De ultteriores syndicancias tirámos as provas positivas desse effeito. Alumno elementar, sem ideia nenhuma do que fosse o mundo depois da cidade de Patos, foi armazenando na su'alma desejos reconditos e ora despertados de conhecer *terras*, de ver como era o *outro lado*. A la par dessa curiosidade, embora de cultura elementar e medioeres conhecimentos adquiridos, foi creando certo despeito para com o termo *mulato*; sentindo possuir superioridade perante os seus irmãos, parentes e amigos de infancia residentes na fazenda.

Operou-se insensivelmente o curioso phenomeno. Além da influencia do ensino subministrado nas aulas, augmentavam a nova natureza do educando, as palestras com alumnos da cidade, mais adeantados, conhecedores de capital, ja em cursos superiores; no refeitório, no dormitório, habitos civilizados o collocavam em conflicto com os habitos e modos de sua fazenda. E se julgava cada vez mais civilizado, homem superior. Precisava, pois, ir cursar um bom collegio na capital do Estado e, de lá, *ganhar* outras terras ainda mais importantes.

(9) Mario Pinto Serva, "Patria Nova", 18.

(10) Arno Pearse, "Brazilian Cotton".

Ia, portanto, a capital possuir mais um elemento que, no final das contas em nada lhe adeantaria a existencia, nem tão pouco lhe alteraria a vida. Mas prejuizo ia dar-se. Perdia o Brasil valioso collaborador, utilissimo elemento de sua riqueza, da grandeza de sua producção agricola, de sua industria, de seu commercio.

E la se foi o rapaz internar-se num collegio de padres... Ia ainda mais heterogenizar as suas possibilidades intellectivas, sob regimes claustraes, em horroroso contraste com a feliz e clara liberdade que gozava no interior, com a qual tanto já se habituára. Vimos com intimo e profundo desgosto que, todo o bem que julgavamos ter feito áquella região com a existencia do educandario, estava enublado, escurantado com este facto digno de meditação. E todo o nosso enthusiasmo se envolveu em penumbra. Reconheciamos amargamente que roubamos dos campos do Brasil um factor de sua independencia, para annullal-o nos bancos de um collegio de jesuitas !

Felizmente ainda nos foi permittido o prazer de visitarmos esse collaborador anonymo, la no collegio, e, penetrando-lhe o animo, vimos com alegria que elle se não adaptava muito áquella nova vida de reclusão. E com enthusiasmo, habilidade, lhe falámos no futuro do algodão, na via ferrea a recommear, brevemente, na sua terra, de maneira que, alguns meses mais e o filho prodigo voltava ao seio do sertão para a vida bucolica e redemptora da cultura dos campos.

Ratifica plenamente este exemplo individual a justissima affirmação de Oliveira Vianna :

“No Brasil, cultura significa expatriação intellectual. O brasileiro, enquanto é analfabeto raciocina correntemente, e, mesmo intelligentemente, utilizando o material de

observação e experiencias feitas sobre as cousas que estão em derredor d'elle e ao alcance dos seus sentidos — e sempre revela em tudo esse inalteravel fundo de sensatez que lhe vem da raça superior originaria. Dêem-lhe, porém, instrucção ; façam-no aprender francês; levem-no a ler a *Historia dos Girondinos*, de Lamartine no original — e então ja não é o mesmo. Fica “homem de ideias adeantadas”, cae numa especie de extase e passa a peregrinar, em imaginação, por todos “os grandes centros da civilização e do progresso”. (11)

Voltando ao ponto de vista que estamos a commentar e a defender, perguntamos : — Se o Governo do Brasil possuísse um regular serviço de instrucção (ja não dizemos perfeito) publico e particular, ter-se-hia dado o facto que acabamos de narrar ?

Se não houvesse esse erro e abuso da unilateralidade da didactica na instrucção nacional, teria o nosso educandario concorrido para o afastamento daquelle alumno ? Absolutamente. Embora fosse permittido o subministrar disciplinas tambem secundarias aos alumnos que o merecessem, devia a didactica distinguir, porém, os dois cursos : — um, applicavel a educandos de tirocinio rural; outro, aconselhavel aos que se não achassem nas condições dos primeiros, e a quem o ensino literario servisse de preparo para a vida, sem que isso representasse destruição de conhecimentos, intuições e habitos uteis ja conquistados em prol da felicidade individual e collectiva.

Vejamos agora, theoreticamente, como pensamos deveria ser estabelecida a nova

(11) Pequenos Estudos de Psychologia Social, 90.

orientação do ensino, racionalmente dividido em duas grandes secções :

- Educação urbana ;
- Educação rural.

PARTE II

Educação Urbana.

Educação Rural.

Bi-lateralidade indispensavel.

Alberto Torres, numa obra de meritos, fez observações profundas sobre o intellectualismo nacional.

Diz o pensador :

“Possuimos illustrações em escala mais elevada do que civilização. Ao passo que o nosso povo conta uma immensa massa de analphabetos, o numero dos intellectuaes é avultado e notavel a elevação de seu preparo”. (12)

E, depois de commentarios exactos sobre a utilidade e alcance desse *intellectualismo*, affirma com surpreendente verdade :

“Os intellectuaes brasileiros consideram o preparo que possuem um meio de exito pessoal, sem o ligar a nenhum dever, a nenhuma responsabilidade de acção e direcção social”. (13)

A origem desse phenomeno é a singularidade de nosso ensino. Nação moça, sob influencias de povos estranhos, aberta á conquista pacifica de immigrações constantes e heterogeneas, sem um servico de educação nacional moldada em principios racionaes e dividida em *urbana* e *rural*, o Brasil, nunca jámais poderá ser nação forte, equilibrada pelo trabalho intelligente entre o *intellectualismo* das cidades e o

productivismo do homem do interior, se não cuidarmos em tempo.

Por uma pessima tradição que ainda não encontrou embargos, o trabalho agricola é deprimente e julgado proprio, somente, de incapazes intellectuaes. O homem do campo é olhado com certo desprezo pelo homem da cidade. O preconceito tem suas nascentes no erro didactico, na singularidade de ensino entre o *mato* e a *praça*. A didactica é antagonica: — instrue deseducando . . .

E, se é verdadeira a observação de Sergi, (14) de que: “. . . a evolução social apresenta-se como a evolução individual”, e, pelas evoluções parciais da sociedade, a “transmissão de germens civis e de progressos ou de civilização de um logar para outro”, é alarmante o futuro que nos aguarda.

Esse futuro, elaborado pelo erro educacional que perpetramos criminosamente, só nos será desfavoravel, pelo absentismo do homem do trabalho rural e consequente emigração para os centros populosos, as grandes cidades do país onde se accumulam os elementos mais uteis á nação, pelo trabalho dos campos, arrastados para as cidades pelas desastrosas consequencias da singularidade do ensino.

A cultura do solo, a pecuaria, deveriam fazer parte de ambos os programmas de ensino : o *Rural* e o *Urbano*.

Aos alumnos da cidade, aos que conhecem os cereaes apenas pelas gravuras e suas presenças culinarias, devia ser subministrada instrução theorica e pratica, com o fim de instruil-os na forma por que se obtêm taes productos; de lhes mostrar o trabalho que dá a roça ao homem do campo; o penoso processo da enxada, desde a exhaustiva *broca*, passando pela *coivara*, ao abrir das *covas*, á plantação, á primeira

(12) “A Organização Nacional”, 14.

(13) Id. ib. 44.

(14) “A Revolução Humana”, 42.

limpa até a colheita. As influencias da secca, suas consequencias, o estado primitivo do *matuto* relativamente á cultura do solo, á comprehensão dos phenomenos meteorologicos. O quanto soffre o agricultor pobre asphyxiado pelo grande proprietario. A miseravel situação do trabalhador de *eito*, do desgraçado *morador*, eternamente escravo apesar de viver protegido por leis de um país liberal ! Por outro lado mostrar tambem os modernos processos de cultura, com o auxilio das machinas agrarias, o que tanto faz augmentar a produção, sem canseiras.

Este ensino, se não tivesse effeito pratico quanto á industria pastoril e agricola, por insufficiencia de meio e não encontrar utilização na cidade, teria grande e salutar effeito moral :

“Educar a mão não tem só importancia technica e pedagogica, mas tambem importancia social, porque faz comprehender a dignidade e o valor do trabalho manual, e destróe os preconceitos que as classes chamadas cultas têm, desde a antiguidade, contra os trabalhadores. Por isso, essa nova materia deveria ser obrigatoria especialmente nas escolas aonde affluem os filhos das classes medias e superiores que se preparam para as profissões liberaes, porque assim elles exercitariam e desenvolveriam os musculos, comprehendendo as difficuldades e as canseiras da vida do povo e amariam e respeitariam as classes laboriosas”. (15)

Combinam-se perfeitamente estas palavras do culto professor da Universidade de Messina, com o que julgamos de mais necessario á nossa educação socio-escolar.

(15) “Theoria da Educação”, 140, J. Cesca.

A estes alumnos, pois, o programma urbano deveria preserever taes ensinamentos com um fim moral, naturalmente, pelo não ser muito esperavel poder-se subministrar-o num sentido pratico sufficiente como se faria mister; entretanto, não seria absurdo esperar-se ver realizado um resultado mais pratico do que moral, isto é, alumnos, depois do curso, se apaixonarem pelos trabalhos do campo e, por fim, o abraçarem, tornando-se em reaes colaboradores dos progressos da nação pelo trabalho rural. Dar-se hia neste caso um curioso facto de regressão social. Justamente o contrario do que se verifica hoje. E, quando succede que uma pessoa letrada, educada nas capitães, se dedica ao trabalho do campo, á criação etc., não desenvolverá a elaboração social e trabalhista que era de esperar.

De ordinario se dá o seguinte: installa-se com ares de homem superior, olha o homem *matuto* com visivel desprezo, nega-lhe toda assistencia social indispensavel á vida e conservação daquelles parias. O regime adoptado por este senhor feudal caricatissimo, digno dos traços de Guevara, é da mais revoltante escravidão. O *morador* não tem direito a nenhum beneficio, mesmo conquistando com os seus esforços proprios. A cultura do solo lhe é negada, desde que o senhor precise do braço alugado pela vergonhosa paga de 1\$500 por dia, sem mesada. E’-lhe prohibida a criação de uma cabeça de cabra, ainda mesmo que o filho esqueletico, opilado, definhe sobre a indígena *isidora* de varas de caboatan, corvejada de murissocas. Trabalha alugado de sol a sol. Se, nas horas vagas, conquistou uma *vasante* de milho, tem que vendel-o ao senhor brutal e cangaceirante, se este negocia com cereaes, comprando o producto com a differença para menos que bem entender. Se arrendar um terreno, pa-

gará por *quadro*, de 30 a 50\$000 por anno, e perderá todo o beneficio por ventura feito, se for constrangido por qualquer causa, a deixar a propriedade do senhor. Se precisar de fazer um *serviço*, e fôr a qualquer morador lhe confiar a diabolica empreitada, ai daquelle que se negar ao *trabalho* ! E qualquer um acceita, tanto mais que isso é distincção que so se confere a homem da confiança do senhor. Eis em ligeiros mas veridicos e incontesteis traços, o que poderá succeder com um homem que, educado na actual concepção do ensino urbano, derive sua vida para o campo. Fôra preferivel que nunca se lembrasse de tornar o Brasil em celeiro do mundo....

Foi deante dessa vergonha que o genio crystalizado de Ruy, bradou ja em 1882 :

“Ao nosso ver, a chave mysteriosa das desgraças que nos affligem é esta, so esta : a ignorancia popular, mãe da servilidade e da miseria”. (16)

Isso em 1882 ! E ainda persiste em 1927 ! Quanto engano em Ramalho Ortigão, ao escrever em suas “Farpas”, ao lamentar a morte de José de Alencar : “Na sociedade do Brasil, que o principio da escravidão desviou por tantos annos tenebrosos do seu destino e do seu desenvolvimento natural, a organização moderna do trabalho livre e ao mesmo tempo a criação de um novo elemento social — o povo”. (17)

A organização moderna do trabalho livre ? Sim, esta um dia existirá tambem para o homem do nordeste, para o *morador*, mantido ainda sob um regime de escravidão ignominioso que não encontra possivel confronto em nenhum país

(16) “Relatorio sobre Instrucção Primaria.

(17) Pag. 215, vol. III.

mesmo dos mais barbarizados pela ausencia da civilização.

Com um curso racional e intelligente de disciplinas ruraes, entre os alumnos urbanos, podiamos conquistar bons elementos para o campo, e, neste caso, não seriam senhores feudaes a escravizar o homem do campo, mas sim individuos consciences de seus deveres associativos e moraes. Cultivariam o campo introduzindo processos modernos ; dotariam o trabalhador de conhecimentos uteis, de hygiene, instrucção, morada sadia. E uma nova patria se desdobraria deante de todos, sob outros auspicios que não estes de atrazo, ignorancia, miseria, pessimismo . . .

Aos alumnos dos campos (e aqui entra a bilateralidade que advogamos) deveria ser subministrado o ensino com um fim applicado á vida do campo, sem pretensão litteraria. Entretanto não quer isto dizer que advoguemos a suppressão de cursos secundarios no interior. Não. Que estes existam, mas com o alcance do aproveitamento de individuos tendentes ás letras e não á vida do campo.

Pelo que observa a psychologia, o meio induz e predestina o individuo aos habitos e costumes ambientes; entretanto a regra não é absoluta. Ha individuos que trazem tendencias innatas, intuições de berço, e se tornam individuos á parte no meio em que vivem e delle recebem as influencias.

São sujeitos estudaveis, psychicamente, nascidos sob influencias anteriores de gerações passadas, cujas leis foram tão curiosamente observadas por F. Galton, com o que lançou as bases de uma nova sciencia, a *Biometria*, contidas em suas celebres obras, a *Hereditary Genius* e a *Natural Inheritance*. (18) Ou por essa lei

(18) Cf. Theorias da Evolução, DeLage e Goldsmith, 188.

descoberta por Dalton, a da *hereditariedade ancestral*, ou pela lei descoberta por Mendel, a da *dominancia* (19) a qual, de qualquer modo vem pôr umas tantas restrições á de Galton, o certo é que ha individuos cujos aspectos psychicos se distanciam sobremodo do observado nos paes e meio social onde vivem.

Dest'arte, que fossem aproveitadas vo-
cações flagrantemente literarias, espiri-
tos apaixonados das letras, com o que ne-
nhum prejuizo teria o meio nem tão pou-
co o individuo. Mas, que succede ? O
ensino é uniforme. Quer na cidade quer
no interior, o programma é o mesmo :

- Primario : leitura, escripta, arith-
metica, noções de historia do Brasil,
Geographia, Grammatica, lições de
cousas.
- Secundario: Grammatica (Camões !)
mathematicas, Geographia geral, H:
Universal, linguas, sciencias natu-
raes e physicas, etc.
- Superior : Cursos universitarios para
as respectivas carreiras liberaes com
a conquista dos ansiados titulos.

No interior, se bem não haja ainda, fe-
lizmente, os cursos universitarios das Aca-
demias de Direito, Medicina, etc., ha, en-
tretanto, collegios livres que subministram
cursos de commercio conferindo titulos de
certa responsabilidade.

O ensino é dado nas escolas e collegios
ruraes tal qualmente o é tambem na cida-
de, preparando jovens intellectuaes para
os exames nos lyceus e gymnasios equipa-
rados ao Pedro II, assim como para as car-
teiras dos escriptorios commerciaes.

Educandarios aparelhados para a ins-
trucção professional applicada ao meio,
não os há. Os que se conhecem entre nós
não se recommendam, por se encontrarem
fóra dos verdâdeiros preceitos que a peda-

gogia scientifica presereve, a começar dos
professores, muito mais theoreticos e satis-
feitos com o laço da gravata do que com
a altissima responsabilidade que lhe con-
fiou a nação. As excepções devem provar
que existem.

Devia haver em cada nucleo de industria
agro-pecuaria um estabelecimento de edu-
cação consentanea com o meio, para que
as gerações de moços não se fossem afas-
tando dos seus deveres em prol do trabalho
que mais dignifica o homem : — trabalho
do campo. Já li em Mario Sette que a
terra era o unico patrão digno do homem.

Pois é esse patrão que tanto desprezo
soffre do homem que se instrue sob as ma-
leficas influencias desse ensino prejudicial
que, incompreensivelmente, é dado no in-
terior.

O de que tratamos é assumpto ja ama-
durecido, estudado e resolvido em países
educados na boa politica administrativa,
nas observações do mundo e do homem.

O Brasil deve orientar seu systema de
ensino sem os actuaes contrasensos da di-
dactica em uso. Abandonemos o erro do
intellectualismo, do polygraphismo, do
verbalismo vaidoso. O *intellectista* é um
individuo quase sempre prejudicial. En-
vaidecido por uma cultura muita vez duvi-
dosa, torna-se em ser parasitario, á cata de
collocações publicas, incapaz de produzir.

Numa obra de raro valor, Jean Guillou
estudou na França as causas que determi-
navam a emigração do homem do campo
para a cidade. (20)

Lá, em vista da mentalidade, dos habi-
tos, da influencia social; não houve entre
os autores que estudaram essas causas emi-
grativas, homogeneidade ou perfeita har-
monia de vistas; Guillou, por exemplo, não
aceitou as soluções de pensadores como

(19) Id. ib.

(20) L'emigration des campagnes vers
les villes".

Darbot, que via no phenomeno unicamente uma questão economica: "Avec les conditions actuelles de la vie champêtre, l'homme des champs ne reçoit plus une rémunération suffisante, etc." (21)

O mesmo com E. Brelay, que tambem via no exodo, como causa unica: — "a insufficiencia dos salarios agricolas em comparação aos da industria". (22)

Outros, como George Michel em artigo de imprensa na "Economia Francesa", opinava que a despopulação rural da França era determinada pelo absentismo dos grandes proprietarios, os primeiros a darem o exemplo, sendo seguidos pelos trabalhadores.

Guéry, põe a causa no sentimento que todo individuo tem de melhorar de condição de vida. Está de accordo com Anderson Graham, quando affirmou:

"A principal causa que determina a fugida dos trabalhadores, do campo para as cidades, é que, de todos os processos susceptiveis de levar á riqueza, a agricultura é o menos rapido".

Weber, na "The growth of cities", tem observações analogas. Isso, aliás, se poderia justificar na Inglaterra, país essencialmente industrial: Houve, porém, naquella confusão de opiniões, quem julgasse ser outra a causa do exodo do camponez para a cidade.

E' ainda de Guillou que recolho: — "a instrução obrigatoria, que, uniformemente distribuida e sem levar em conta as necessidades regionaes e profissionaes, inspirou o desprezo dos campos, fazendo que cada qual entrevisse situações mais felizes e mais faceis nos grandes centros urbanos, no funcionalismo e na burocracia". (23)

Vamos, porém, deixar o caso da França estudado e resolvido lá. Ali, como na Inglaterra, na Russia, na Alemanha, pensamos não existir uma causa unica, e sim uma convergencia de causas heterogeneas, complexas, que determinam a emigração.

No Brasil, (pelo menos no nordeste) a causa principal é originaria do ensino errado que vem sendo dado nas escolas.

Dessa deseducação resulta a predisposição para influir a sub-causa, a economica, e dahi ser o camponez um eterno mal satisfeito com as cousas do campo, sempre a julgar que *vida boa* é a das cidades, logo que adquire certos conhecimentos literarios, mercê dos máos processos de instrução.

Voltemos, pois, os olhos para o phenomeno entre nós.

Se "a primeira questão da arte de ensinar é o fim a atingir-se" como tão acertadamente disse Emerson White, (24) o ensino no interior desta parte do Brasil ainda não foi iniciado, sequer.

Muito melhor fôra que nenhuma escola houvesse sido creada no *mato*, a vemos as que lá existem, em franca funcção do organismo inadaptado ao fim a que se propunha.

O dr. Fitch, acatado pensador inglês sobre cousas de ensino, teve, algures, esta sentença: "Os homens são educados do berço ao tumulo pelo scenario physico e moral que elles encontram, pelo caracter e maneiras de seus amigos, a natureza dos meios e os livres que elles lêem". (25)

Para fixar o exacto e racional processo de instrução no interior, bastariam essas palavras. Teriamos dahi que executar o plano do ensino, methodisado, de forma que o habitante do campo, não se tornasse depois, como se ha tornado, um fugitivo

(21) "L'Agriculture et les questins sociales" ap. Guillou.

(22) "Cf. "The rural exodus".

(23) Op. cit. 147.

(24) "Arte de ensinar", 27.

(25) Ap. E. White, op. cit. 13.

para a cidade, por culpa unica de nossos máos processos de ensino nas zonas ruraes.

Assim, idealizemos a nossa forma de instrucção sob o criterio *bi-lateral* :



Isto em traços geraes, de cujos troncos poderiam brotar outros e novos rebentos uteis ao vigor e perfeição da arvore que poderá, como as genealogicas, ser representadas em diagramma sempre susceptivel de ampliar-se e seguir ambas as directrizes de suas bifurcações que representam a bi-lateralidade do ensino com os seus cursos respectivos :

CURSOS	CURSOS
<i>Urbano</i>	<i>Rural</i>

EDUCAÇÃO

Existe justamente o contrario em nosso programma de ensino. As escolas do campo subministram os mesmos ensinamentos que são applicados ás das cidades. Resulta desse erro, que as escolas ruraes representam especies de succursaes para o ingresso, mais tarde, nas escolas da cidade, em prejuizo do país. Esses cursos, porém, não se recommendam por alguma importancia pedagogica. São retrogradados, sem um fim, como já dissemos.

A começar do pre-escolar, para a educação rural, seria aconselhavel applicar-se um systema especial, baseado embora no montessoriano. Essas restricções seriam aconselhadas pelo motivo unico da inferioridade do lar no interior em comparação

educacional e instructiva com o da cidade. A paes roceiros seria impossivel, dentro de qualquer tempo imaginado pelo mais ameno optimista, conquistar-lhes a confiança sobre a efficiencia, a utilidade do methodo Montessori.

Ora, se nas capitaes, com seus grupos escolares e respectivos pavilhões as "case dei bambini" são julgadas por muita gente bôa, invenção de malucos ! Que succederia no mato . . .

Por isso, e tendo-se em vista que a escola sem o concurso do lar não pôde contar victoria, seria preciso adaptar-se áquelle methodo, processo que condissesse com o meio, conquistando-se a confiança e o enthusiasmo do *matuto*. Essa substituição didactica variaria em conformidade com o meio.

Após o curso Montessori, entrariam as creanças no *primario*. Este deveria constar exclusivamente de :

- a) — leitura
- b) — escripta
- c) — noções de arithmeica
- d) — preeceitos de hygiene, exercicios physicos.

A leitura não devia ser absolutamente essa que se ensina actualmente. Tanto relativamente ao *sentido* como quanto ao *processo*, deveria ser substiuida. A leitura dos alumnos ruraes, precisaria ser moldada em programma uniforme quanto ao *fim*, contendo materia estrictamente regional, de facil assimilação e que fosse concorrendo sempre para a alegria local das creanças, creando-lhes confiança na vida do campo, solidificando o amor do trabalho. Este ensino não deveria ser, de maneira nenhuma, sobrecarregado de materias acima da comprehensão do alumno.

"Em seu estado inicial, diz o pedagogista Alex. Bain, a instrucção devia ser limitada e completa; limitada de modo a ser completa. A instrucção discursiva e vasta vem mais tarde".

Infelizmente foi o que ainda se não fez; pelo menos aqui pelo nordeste, cujos processos de ensino muito bem conheço. Afora o esforço e bôa vontade de alguns beneméritos — Directores de Instrução Publica e professores — o que ha geralmente é um ensino tumultuario, sem objectivo, todo empirico; e o que é mais grave, quase sempre desallada a instrução da educação. Dahi o afastamento do fim ethico da primeira.

“Não se pode dar instrução sem educação, e não se pode conceber uma instrução que não eduque: tal é o duplo fundamento da doutrina herbartiana”. (26)

Nessa deficiencia se acoita, — reconhecamos — uma das mais vastas e complicadas impossibilidades de educação do nosso povo. Não sendo entre nós, obrigatoria, a instrução, nem ao Estado competindo a educação da mocidade como nos tempos de Lycurgo, em Sparta, é quase inexequível alliar esse dois principaes fautores do homem social. Primeiro, porque o professor, com os atrophiados vencimentos que percebe, não tem animo de instruir e educar ao mesmo tempo, ja se julgando um benemérito da patria em fazendo o que ja faz; segundo, porque, no estado rudimentar em que permanecem as familias do interior, seriam os lares os principaes culpados do naufragio de qualquer tentativa de bôa e regular educação.

No curso primario, seria conveniente abolir-se o habito de se dar ás creanças de 7 a 10 annos o exercicio da gymnastica sueca, muitas vezes cantada.

A. dra. Maria Montessori, (27) discutiu scientíficamente as inconveniencias desse systema de gymnastica, condemnou-o como absurdo ás creanças de tenra idade,

(26) J. Gesca, op. cit. 161

(27) “Pedagogia Scientifica”, 90 e seg. trad. do prof. Alipio Franca—Bahia.

e creou substitutivos baseados em racionais preceitos pedagogicos á luz da anatomia.

O Prof. J. Gesca (28) condemna as taes gymnasticas systematicas para a cultura physica das creanças e aconselha sejam substituidas pelos *jogos*, ao que nós aqui chamamos *brinquedos*, e, no mato, *forquedos*, tendo-se o cuidado apenas de “impedir que degenerem em paixão exclusiva e dominante, e que produzam a mania de vencer e exceder os outros, chegando dest’arte a dar força ao egoismo, á vaidade e ao orgulho”.

Os jogos livres devem substituir inteiramente, — pensamos com Spencer — os exercicios systematicos e forçados, pois o que desejamos delles não é simplesmente o fim da actividade muscular, a erronea ideia do *athletismo*, e sim o apoio á liberdade da creança que lhe tonifica todo organismo, maxime o cerebro, antes ou depois das aulas, em que pese á autoridade de Compayré (29) ao aceitar a opinião de Laisné contraria á radicalidade de Spencer em desgabo da gymnastica muscular systematica nas escolas infantis.

Bomfim, em suas “Lições Pedagogicas”, encara a educação physica com muito senso. Aceita-a sob o ponto de vista *motor*, condemna o fim *athletico*, aconselha a gymnastica sueca ou mesmo outra systematizada, mas para certas e determinadas idades.

Sómente a creanças que accusam defeitos physicos adquiridos, como a *escoliose*, *desequilibrios* na deambulação etc., seriam aconselháveis gymnasticas systematizadas, ou sejam as chamadas *equilibradoras*. Quanto á creança normal, devem predominar os jogos e os esportes, arremata Bomfim, no que, como os demais pedagogistas modernos, está de accordo com a ac-

(28) “Op. cit. 138.

(29) “Cours de Pedagogia”, 49

tividade lúdica, na magnífica expressão de Claparède: "a infancia serve para brincar e imitar". (30)
 ções de Pedagogia Geral", 144.

Assumpto dos mais importantes entre nossos processos de ensino, é o da distribuição dos cursos quanto ás idades. Ordinariamente vemos a mais irracional premiscuidade nas classes. Crianças de seis a oito annos receber instrução que só seria justificada em alumnos normaes de 10 ou 12 annos.

Ao ensino de *generalidades* como preparatorio do professional nas escolas ruraes, deveria ser dado um caracter natural, intuitivo, livre de instrução empirica, divagações literarias.

As *lições de cousas*; o ensino da lingua, sem o horrivel abuso das analyses estafantes e ridiculas á vida do homem do trabalho; a arithmetica commercial moldada em programma applicavel ás necessidades da vida real; a historia do Brasil, mais voltada para a sociologia, instruindo os alumnos nos grandes e salutaes effeitos da bôa politica administrativa, na necessidade social do homem em auxilio do homem; a geographia como meio em que o homem opera, e nunca um amontoado de classificações estereis; os preceitos de hygiene domestica exemplificados com factos concretos, de forma que o homem rural *creia* porque *via*. Entretanto nenhuma das obras didacticas ora existentes poderia ser aproveitada. Todas são horrivelmente defeituosas. Umas porque o seu modelo de ensino se baseia apenas no sentimento do *bello*; outras porque já não se ajustam com a realidade do mundo actual, conforme provaremos em obra pedagogica em preparação.

Depois desse ensino *generalizado*, vem o ultimo: o *professional*, de todos o mais im-

portante para a população rural. O educando deve fazer esse curso final sob os mais attenciosos cuidados dos professores. Conquistada a sua educação e devidamente coordenada, é preciso solidificá-la com este curso final, de onde sairá o *homem*, o *trabalhador*, que não veja na mão calejada um labéo infamante; que tenha a consciencia do factor producto; do poder que tem o homem de intervir em os domínios da Natureza, e, com sua arte, com sua sciencia, modificá-la, corrigil-a em seu prol, em prol de sua patria; que não se eduque na superstição, eterno escravo da ignorancia, incapaz de vencer obstaculos naturaes por temer offensas a Deus...

Ahi em traços geraes o plano para o ensino rural, em divergencia com o urbano, cujo programma poderia seguir o mesmo curso actual, modificadas certas particularidades didacticas já caducas, e se incluindo como absolutamente indispensavel, conforme tivemos já oportunidade de tratar nesta these, a instrução rural, embora apenas para effeito moral e social.

Quanto ao curso secundario, o tal de *preparatorios*, fôra preferivel não falar nelle. E' ahi que continua a existir o maior entrave á educação e instrução dos nossos patricios.

Vejam o que já desse dismantelo dizia Ruy Barbosa:

"Tomamos o cerebro do adolescente, esse terreno avido de amanho racional, como se fosse um tóro de madeira entregue ao fasquiador; enxequetamos-lhe, a serra, o martello, a enxó, e a colla, meia duzia de escaques envernizados com o nome de *preparatorios* e os entregamos ás academias, para que convertam em *doutores* esse pau lavrado". (31)

(30) "Alberto Pimentel, filho". "Li-

(31) "Queda do Imperio" tomo I, 277.

E ainda :

“Enquanto o objectivo da instrucção não for instruir, mas apparelhar para exames, o exame não será prova de capacidade, mas industria”. (32)

Por fim :

“Assim se transformam os collegios em machinismos de desearoçar approvações, os alumnos em automatatos de responder a exames, as Faculdades em chancellarias de registrar certificados. Moem-se as *provas de capacidade*, como o erinês móe a oração”. (33)

Isso em março de 89, ainda no Imperio ! Foi-se a Monarchia; de lá para cá, não ha mais conta do numero de reformas por que passou esse mesmo ensino secundario, e, apesar disso, continúa o mesmo regime de inaproveitamento e desmoralizações.

O que é indiscutivel, entretanto, é que julgamos inexequivel reforma proveitosa em torno do ensino secundario urbano : mas, pelo menos, inclua-se nesse curso e ensino profissional, de fórma que o ensino urbano não torne o homem, como se vê actualmente, num inimigo do trabalho, e o vicie exclusivamente para a prejudicial concepção do intellectualismo e o bacharelato.

Ja li algures que o desanimo do homem do campo assenta no meio atrasado, sem vias de communicação, de forma que, não encontrando escoadouro para seus productos, esmorece e finda por emigrar para centros populosos.

Teriamos ahi uma das razões ja apresentadas, paginas atrás, da derivação do homem rural para a vida urbana. Como dissemos, esse effeito ja é a resultante da sub-

causa-a economica elaborada pela principal: — a falta de educação.

Se o municipio não trabalha; se o Estado não resolve; se a União esquece o interior e o homem, que compete a esse mesmo homem ? Ter animo, nuclear-se, collectivarse e resolver esses problemas vitaes por sua conta. Mas é justamente ahi que bate o ponto.

De nenhuma educação associativa, collectivista, o matuto ja de ha muito se habituou a tudo esperar de Deus e dos governos. Nasee dahi o pessimismo horroroso que o domina integralmente. Todo governo para elle é máo, ladrão, inutil. Tudo deve o governo fazer; de tudo é culpado; nem lhe merece o menor credito. E' a mais terrivel das phobiarchias...

Tudo porque o sertanejo ainda não foi beneficiado com a civilização, no que ella póde possuir de mais util; a educação. Uma educação racional e propria ao aproveitamento integral do homem do sertão, conforme nosso projecto, traria naturalmente novas concepções de seus deveres.

Tornando-se mais culto, mais forte, sentiria a necessidade de associar-se, formando partidos como o *agrario*, e resolveriam naturalmente esses pequenos problemas locais, sem desfallecimentos nem pessimismos irritantes.

A' instrucção *bi-lateral* é que está reservado o milagre dessa redempção do homem do *mato*, o qual, — é visivel — tem progredido nestes ultimos tempos, chegando-lhe os lampejos da civilização do litoral nos limpa-trilhos das locomotivas e nos paralamas dos automoveis. Comtudo, essa civilização é perigosa pelo seu character tumultuario, adquirida quase de chofre, abrupta, sem transição visivel necessaria ás mutações sociaes. Civilização intuitiva, civilização de *chauffeurs* concebida na penumbra oleosa das garages, chega de sopeção deante do sertanejo zozzo de espanto,

(32) Id. ib. 279.

(33) Id. ib. 281.

entra-lhe pelos olhos dentro, passa-lhe terreiros fóra, penetra-lhe a casa, atravessa os sertões, como numa epidemia o contagio virulento.

E o sertanejo ainda piscainho do somno em que o surpreende a civilização barulhenta e indiscreta, vaé recebendo e assimilando a vida nova, sem estar absolutamente preparado para isso. Dahi o grande perigo nessa transição violenta.

Esmacece uma população de costumes simples e ingenuos para florescer outra com os feios vícios de centros populosos, de civilização avariada.

Ha cerca de 4 annos, percorremos vasta extensão do nordeste, onde muito notámos os effeitos perigosos de uma civilização apressada naquelles sertões. Em artigo então publicado na revista carioca "BRASIL CONTEMPORANEO", diziamos :

"Em suas cidades (da Parahyba) pequenas que sejam, ha de tudo que ha de moral no seculo XX : — *flirt*, *footing*, *cinemas*, *bolinagens*, *cabellos á la hommé*, moças que sabem de *cór Mlle. Cinema*, que dansam o *fox*, o *shinmi*; ha rapazes que vestem cinturados, falam fininho e usam pó de arroz. Ha entre familias pequenos escandalos *chics* e nos alcoices zabaneiras que tomam cocaina.

Com a incursão de tão bellas cousas os mofentos costumes fugiram para a alma dos velhos, dos sertanejos passados, mas que ainda não passaram de todo. Vivem, mas vivem como mumias, a remoer saudades e a nos contar historias do tempo das valsas com W, dos lanceiros complicados e minuetes das eras da Monarchia. O sertanejo, o véro sertanejo, o de que rezam as chronicas, está no seu occaso. O que ha hoje é cousa parcellada, hybrida, heterogenea, mesclada, sem o todo integral

do que existiu. Se ainda nos restam alguns perdidos naquellas caatingas, restos de uma raça como aquelle mulato encontrado por Humboldt em terras da America do Sul, dentro em poucos tempos desaparecerão."

Pelo que se observa, portanto, as populações do sertão com esses pruridos civilizadores soprados do litoral, estão na mais intensa phase de transição.

Um dos dois elementos ha de vencer. E como o sertanejo é passivo, a se encontrar deante de uma civilização insolita a lhe causar pasmo como a civilização européa trazida á presença de nossos selvicolas nos complicados mastareus das caravellas de Cabral, absorverá essa civilização em tumulto, sem comprehendel-a. Dahi, surgir uma geração prejudicadissima, cheia de vícios, de habitos reprovaveis.

á presença de nossos selvicolas nos complicados mastareus das caravellas de Cabral, absorverá essa civilização em tumulto, sem comprehendel-a. Dahi, surgir uma geração prejudicialissima, cheia de vícios, de habitos reprovaveis.

Não cassandreamos sonhos irrealizaveis. E' principio comesinho em ethno-sociologia que os fracos, physica ou intellectualmente, ou pelo numero, serão sempre esmagados pelos fortes.

Seja tal phenomeno a selecção natural do Darwin, o systema sociologico de Gumplowicz ou as leis inductivas de Ciddings, o que todos observamos é que os povos arredios quando em contacto com os civilizados, são por estes absorvidos até o desaparecimento final.

Devem os responsaveis pela educação do nosso povo, prevenir-se contra esse tumulto de transição. Que venha a civilização com todo o seu sequito de beneficios e de maleficios, de trevas e de luzes; mas ao penetrar no lar do homem o encontre prepa-

rado para recebê-la e assimilá-la. Este preparo só poderá ser dado pela instrução educativa. Ella representará a peneira da selecção, o aparelho do encardeio, o joeiramento que separa o joio do trigo indispensavel á formação do character que é o thermometro regulador da moral.

Meditem, pois, os responsaveis pelos destinos da pátria, e confiem a professores de verdade essa nova cruzada em prol do homem do interior, dando-lhe a instrução indicada, e hão de ver como, daqui a algumas gerações, que futuro differente do que

ora entrevemos, não illuminará os destinos do Brasil !

E custaria tão pouco ! Mesmo dentro nos orçamentos existentes, os governos poderão dar essa nova orientação pedagogica á instrução nacional, ou seja o programma *bi-lateral*, em contraposição á erronea unilateralidade cujos defeitos têm causado tanto mal á vida da nacionalidade, e se projectarão com seus males, indefinidamente, em o Brasil de amanhã, se não levantarmos nos *bivaques* das novas concepções do ensino, as armas redemptoras em defesa da patria.

Respostas na sombra

"Soffro... Vejo envasado em desespero e lama
 Todo o antigo fulgor, que tive na alma bôa :
 Abandona-me a gloria ; a ambição me atraiçoa ;
 Que fazer, para ser como os felizes ?"

— Ama !

"Amei... Mas tive a cruz, os cravos, a coroa
 De espinhos, e o desdem que humilha, e o dô que infama ;
 Calcinou-me a irrisão na destruidora chamma ;
 Padeço ! Que fazer, para ser bom !"

— Perdoa !

"Perdoei... Mas outra vez, sobre o perdão e a prece,
 Tive o opprobrio ; e outra vez, sobre a piedade, a injuria ;
 Desvairo ! Que fazer, para o consolo ?"

— Esquece !

"Mas lembro... Em sangue e fel, o coração me escorre :
 Ranjo os dentes, remordo os punhos, rujo em furia...
 Odeio ! Que fazer, para a vingança ?"

— Morre !

A Queimada

Da Costa e Silva

Tenue espira
De fumo
Pelo ar gira,
Sem rumo...

A espiral azulada
E' o prenuncio da queimada.

O cinereo trophéo
Do fogo, ondulando ao vento,
Como um pennacho nevoento,
Vae subindo, leve e lento,
Manchando o espelho do céo.

A fumaça, que se ergue azulada... ondulada...
Vae mostrando no Azul, em vaporosa estrada,
O roteiro da queimada.

Paira no ambiente morno,
Asphyxiando, um lethargico mermaço;
E em torno,
Curvo, cheio de sol, reverberando, o espaço
Traz a intensa impressão de uma abobada de aço
Sob a temperatura calida de um forno.

A fumarada
Torna a athmosphera carregada,
Mais suffocante, mais abafada,
Com os vapores ardentes da queimada.

Esfuma-se a paysagem...
Então, nos campos se manifesta
De subito um rubôr no verde da folhagem
Que Agosto amarellece e a canicula cresta,
Como si, na explosão de ignivoma voragem,
Rebentasse um vulcão no seio da floresta.

Fulva, flammigera, abrazada,
Numa insanía desvairada,
Eis a queimada.

Rompem as chammas,
Num iris magico de cores,
Como linguas, como flammias,
Aureas, rubras, azues, galgando as ramas
Das arvores que, em longos estertores,
Se despojam de folhas e de flores.

A floresta sagrada
Succumbe aos poucos, torturada
Na inquisição selvagem da queimada.

E em seu furôr, a barbara fornalha,
Incinerando plantas seculares
Espalha
E atira pelos ares,
Em bruscos torvelinhos e aos milhares,
Folhas, lavas de cinza e fragmentos de palha.

Em holocausto elevada,
A alma da selva ascende aos céos, em cada
Folha que ao vento arroja o fogo da queimada.

O brazeiro violento
Crepita a arder, sem intervallos,
Como para agravar o soffrimento
Da floresta que, em intimos abalos,
Tenta em vão traduzir o seu tormento
Com estrondos, estrépitos e estalos...

E nada
Aplaca a furia da queimada!

Arde
A insidiosa fragua
Que sobre a terra atêou a mão do homem covarde.
Morre a floresta... E então, muda de espanto e
[magua,
A Natureza, a orar na uncção triste da tarde,
Parece ter os olhos rasos de agua.

Desolada,
Extatica e calada,
Chora sobre os escombros da queimada.

Nada a conforta,
Pois do seu verde templo nada resta!

Em mystico silencio, em vão exhorta,
Que o fogo destruidor da queimada funesta
E' o Moloch da floresta!
—Como é triste, meu Deus, uma floresta morta!

Homem de alma desnaturada,
Si te é dado pensar sobre as cinzas do Nada,
Orvalha com o teu pranto as cinzas da queimada!

Pequena palestra sobre a cultura dos sentidos

Maria Rosalia Ambrozzio

Eu desejava dar aos meus alumnos da classe pre-escolar uma liçõesinha que tivesse a fôrma de um brinquedo, como todas as lições desta classe.

Approximava-se o dia em que se havia de commemorar um grande feriado. E' do actual Regulamento da Instrucção Publica, que, nesses dias memoraveis, a professora faça a prelecção do feriado em linguagem ao alcance de seus alumnos. Ora, por mais que estudasse um meio de applicar algumas noções sobre o motivo de ños acharmos em festas nesse dia, julguei o assumpto muito abstracto para alumnos de tão tenra idade. Consultando livros de grandes mestres interessados na educação dessas creanças, achei que me tornaria absurda se insistisse em inocular no cerebro desses pequenos o motivo que obrigou Alagoas a separar-se de Pernambuco, ou mesmo qual a Constituição Política do Estado.

Absurda por muitos motivos. Primeiramente porque eu não teria meios sufficientes fara attrahir a attenção dos alumnosinhos, uma vez que o assumpto, em si, não os poderia interessar.

Depois... (diz um grande mestre) "As lições devem ser attrahentes e para isto é preciso associar a recreação ao ensino".

Ora, sendo de observação o methodo adoptado nessas classes e tendo elle como base fundamental, segundo a opinião da insigne Directora Dra. Maria Montessori, "a liberdade dos alumnos em suas manifestações espontaneas, "claro está, que o menino se nada viu que o interessasse a observar, fugiria da lição e iria fixar sua

attenção num brinquedo qualquer, dos muitos que ahi se encontram.

Forçar a creança a ouvir-me, seria prejudicar a disciplina, desrespeitando a liberdade dos alumnos. Elles nessa idade, não precisam adquirir conhecimentos e sim, cultivar os orgãos dos sentidos e educar as faculdades intellectuaes. "Devem se exercitar observando os objectos, fazer confronto de um objecto com o outro, racionar, formar juizo, decidir e repetir os exercicios sensoriaes. E' na infinita repetição desses exercicios que se completa o verdadeiro desenvolvimento". (Para isso, a sala de classe deve achar-se bastante aparelhada.)

Resolvi portanto commemorar o feriado, dando a minha palestra o titulo de — *Banquete das fructas*. — Ora, todo menino gosta de fructas, e isto percebi a hora do lanche. Sempre que um alumno punha sobre a mesinha, uma goiaba, manga ou qualquer outra fructa, os outros começavam a admiral-a attentiosamente.

Algumas vezes, um mais curioso levava a fructa ao nariz, cheirava-a e depois dizia com um arzinho encantador: gosto muito disto, e a mamãe sempre compra para mim e a maninha.

Então resolvi fazer uma experiencia, reunindo o util ao agradavel.

Dois dias antes do feriado eu trouxe para a sala de classe um cachinho de uvas, e apresentei-o aos pequenos, assim : vejam que belleza !...

Immediatamente toda a attenção convergia para as lindas e saborosas fructinhas.

O primeiro passo já estava dado. De quando em vez, ouvia um alumno dizer : são uvas, muito boas para mim, enquanto o outro protestava: são minhas também. Depois que cada um fez o seu juizo sobre as appetitosas uvas, eu lhes disse; trouxe mesmo para vocês; mas, se eu quizesse dar uma somente a cada um, não chegaria para todos. Assim... sendo depois de amanhã, um grande feriado, vamos todos nós, reunidos em nosso lindo Pavilhão, offerecer a nós mesmos uma bella festa, que contente a todos. Para isso, é preciso que cada um de vocês traga amanhã uma fructa qualquer, ou mesmo a que mais lhes agradar. Eu também trarei as minhas. A idéa foi aceita com grande e geral demonstração de alegria. Um alumnosinho chegou até a perguntar-me se eram para comer. Outro disse: a gente come só a que traz, ou prova também das outras? Sim, disse-lhes eu. Vamos reunir todas as fructas e cada um escolhe á vontade. Obtive um resultado esplendido. No dia seguinte, cada menino interessou-se em trazer a melhor fructa que pode, e alguns, mais de uma. Lembro-me bem de um pequeno, que nessa mesma tarde, foi em nossa casa acompanhado de uma senhora que me perguntou: Professora, que historia é esta? este meu filho insiste em levar amanhã para a escola uma jaca, dizendo querer levar para a festa a maior fructa que encontrasse. Será necessario isto? Então achei muito interessante, e expliquei-lhe o que tinhamos combinado pela manhã. No dia seguinte, a creança trouxe, não uma jaca inteira, como era seu desejo, mas um pratinho com alguns bagos.

Assim, consegui ver sobre o *bureau* uma boa variedade de fructas. La estavam: a manga-rosa, o sapoty, a maçã, a laranja cravo, a lima, a pitomba, cachinhos de côco titára, a uva e muitas outras fructas. Eu também trouxe a romã, a mangaba e a

pinha. A bella exposição já havia attractado a attenção de todos os pequenos.

A' hora marcada para a prelecção, comeci a perguntar a cada um se conhecia no meio de todos aquellas fructas, a que tinha trazido. Ora se conheço, respondeu um, indo ligeirinho procura-la: foi esta.

— Como se chama?

— Carambola.

— E a arvore que dá esta fructa, como se chama?

— Caramboleiro.

— E estotra quem a trouxe?

— Eu.

— Como se chama?

— Uvas.

— E o pé da uva, quem conhece? — Eu; papae plantou muitos em nosso quintal.

— Como é que o seu papae chama o pé das uvas?

— Videira.

— E esta?

— E' manga-rosa. Lá em casa ha muitos pés. Chamam-se mangueiras.

— Assim até a ultima.

Depois vendei os olhos de cada alumno por sua vez e fil-os conhecer apalpando-as com as duas mãos assim; colloquei nas mãosinhas de um, uma das fructas e perguntei-lhe: conhece esta?

— Sim é a manga.

— E esta outra?

— E' a romã.

(Mudando a venda para os olhos de outro alumno.)

— Esta aqui, como se chama?

— Sapoty.

— E assim foi com todos os outros; pois, era grande o desejo que todos tinham de reconhecer ao mesmo tempo. Depois, continuando ainda as creanças com os olhos vendados, mandei que pusessem as mãosinhas para as costas e fil-as reconhecer as fructas, cheirando-as.

O contentamento ia crescendo cada vez mais. Finalmente, partí algumas fructas e continuando ainda as creanças com os olhos vendados, eu as fiz reconhecer pelo gôsto assim: (Sempre um alumno de cada vez :) mastigue bem isto, e diga o que é ?

- Ah ! já sei, é um pedacinho de jaca.
- Adivinhou. E isto agora ?
- Isto é manga.
- Você conhece isto ?
- Uvas, muito doces e bôas.
- E isto agora ?
- E' sapoty.

(— Tive sempre o cuidado de mudar a venda para os olhos de outro alumno, afim de não os fatigar) Assim continuei até o ultimo.

O interesse era grande e cada um queria ser o primeiro a apresentar-se. Finalmente, na maior alegria, e sem nenhum enfado terminou a festa commemorativa de um grande feriado.

PARA CRIANÇAS

O PAIZ ONDE NÃO HAVIA GATOS

MIEN TCHENG (chinez)

Tinha Da Nain apenas doze annos quando ficou orphão.

Um camponez o recolheu em sua casa. Durante o dia o pequeno levava os carneiros e as vacas para as verdes pastagens. A' noite consentiam que dormisse no estabulo.

Todas as tardes, depois do jantar, os criados se reuniam no eirado da chacara, para cantar e tagarelar. Um aldeãozinho contou uma vez que tinha ido a Pekim. Descreveu a capital e garantiu que lá as ruas eram calçadas de ouro. "Não

deve haver pobres nessa cidade, disse de si para si Da-Nain. Irei a Pekim, me apossarei de alguns parallepipedos, e assim me tornarei rico".

Uma barcaça estava prompta para largar para Pekim, Da-Nain entrou sorrateiramente nella no momento do embarque e se escondeu no fundo do porão. Teve que ficar alli tres dias em jejum porque nem se tinha lembrado de trazer um pouco de comida consigo. Emfim a embarcação penetrou no porto de Toun-Tcheou, distante quarenta quadras da capital. Da-Nain foi indo atraz dos grandes carros atulhados de arroz que se dirigiam para Pekim pela estrada real. Esse caminho, que parte do porto e leva ao quarteirão leste da capital, é todo calçado de marmore.

Da-Nain ficou maravilhado. Quando chegou a Pekim já de tardinha, o sol dou-rava os tectos dos palacios. Da-Nain admirou as bellas lojas, as carruagens, os trajes dos que passavam, mas verificou que as ruas eram de macadame ou de parallelepipedos de pedra.

Percorreu toda a cidade, não encontrou um só parallelepido de ouro e cahiu, morrendo de fome e de fadiga, deante da porta de uma casa. Sua decepção era tal que desejava morrer. O dono da casa, voltando á noitinha, viu o pobre menino adormecido á sua porta.

— Que é que estás fazendo ahi ? Não tens então familia ?

— Da-Nain narrou sua viagem, alludiu á sua ingenua esperanza e acabou por confessar que estava com fome.

— Vamos, entra aqui na minha casa, vou ordenar que te dêem de comer e poderás dormir melhor do que assim ao relento, disse muito commovido o bom homem. Chamou sua velha cozinheira e mandou que desse de jantar ao garoto.

Essa criada servia ha muito tempo na casa, de modo que era tratada com certa consideração. Ella, porém, não merecia isso. Era uma mulher avarenta e má. Já se ia deitar quando o patrão a chamou, de sorte que recebeu muito mal o pequeno Da-Nain; levou-o, resmungando, para a cozinha e deu-lhe um bolo de arroz já azedo.

— Toma, exclamou ella, come do nosso arroz, uma vez que só serves para viver de esmolas, mas na tua idade já se pôde muito bem trabalhar.

Da-Nain esperava palavras que o animassem. Seus olhos se arrazaram de lagrimas. Comeu tristemente, o arroz detestavel. O dono da casa conversou com sua mulher a respeito do menino e disse desta vez á criada :

— Estou com vontade de conservar este pequeno aqui em casa, afim de ajudar-te e fazer com que trabalhes menos.

Dá-lhe um colchão e um cobertor, e leva-o para um bom quarto. E, acariciando a face do petiz, o dono da casa lhe desejou uma boa noite. Começou então o martyro de Da-Nain. A terrivel criada não só o injuriava como maltratava, embora elle trabalhasse para ella desde a manhã até á noite. Da-Nain apenas tinha descanso quando ia dormir. Seu quarto era entretanto invadido pelos ratos, mas Da-Nain temia menos os ratos, do que a megera. Não ousava queixar-se a seu protector, e tinha saudades do tempo em que passava os dias a guardar as vacas e os carneiros nas verdes pastagens. Chegou o fim do anno. Nessa epoca, os paes costumam dar aos filhos como presente duas moedas, pequena e somma em prata que as creanças não devem gastar até a primeira lua do anno novo, porque é um penhor de vida longa. O protector de Na-Nain era pae de uma menina tão boa quanto bonita que tinha muita pena do orphãosinho. Mandou cha-

mal-o e disse-lhe : — Meus paes me deram duas moedas de prata e tu, pobre Da-Nain, nada ganhaste; vou dividir contigo o meu presente. Toma esta moeda, isso me causará prazer. Da-Nain não ousava aceitar, mas a esposa do seu patrão insistiu tambem :

— Aceita, meu filho, a gente não deve nunca recusar o que é dado de boa vontade.

Da-Nain agradeceu com effusão e tratou de esconder a moeda, com medo que a velha a roubasse. Esse dinheiro estava destinado a ser a origem de sua prosperidade.

Comprou um lindo gatinho branco que foi para elle um amigo esplendido e muito dedicado: esse gato o defendia de noite dos ratos que já não se animavam a sahir de suas tócas. Durante o dia, Da-Nain escondia o bichano debaixo do cobertor e lhe levava uns restos de sua comida quando a criada sahia para ao mercado. Esse gentil companheiro era um consolo para triste vida de Da-Nain.

Mas, ai delle! os bellos sonhos duram pouco. A perversa mulher acabou por descobrir a existencia do gatinho. Quiz matá-lo. Da-Nain deu gritos de revolta que fóram ouvidos no salão onde o dono da casa estava recebendo a visita de um grande mercador vindo da provincia.

Esse mercador ia embarcar para a Oceania. Encarregava-se de vender objectos usados, naquellas terras. Os donos da casa e os empregados reuniram tudo quanto possuíam nesse genero : teteias, porcelanas e vestidos foram confiados ao negociante. Cada qual esperava que suas coisas déssem mais dinheiro. Da-Nain era o unico que não possuia nada para mandar vender.

Quando o mercador teve sciencia do seu pezar, disse ao menino :

— Dá-me o teu gato, assim como assim elle não pôde mesmo ficar contigo.

— Que mercadoria mais esquisita, disse a velha, descontente.

Da-Nain beijou o seu amiguinho e separou-se d'elle chorando. O mercador fez a sua viagem e foi bem recebido na Oceânia para onde levára toda sôrte de objectos desconhecidos. Para festejar sua chegada, os soberanos lhe offereceram um magnifico banquete servido numa comprida meza coberta de fructas e dôces. Estava o mercador a regalar-se com as iguarias, quando um exercito de ratos gigantescos invadiu a sala do festim.

Os soberanos e os convidados se levantaram immediatamente, mas sem manifestarem nenhum espanto. Nem procuraram afugentar aquelles vis animaes. — Esses bichos são diabolicos, disse o rei com serenidade, mas temos que aguental-os diariamente. São tão numerosos que não podemos nos de-invencillar delles.

Lembrou-se o mercador do gato de Da-Nain que tinha ficado dentro do navio.

Eu vos livrarei delles, se o quizerdes, propôz elle. Rogaram-lhe que assim fizesse. Foi elle então buscar o gato e soltou-o no meio dos ratos que debandaram correndo e não voltaram mais.

Os soberanos maravilhados quizeram possuir o precioso animal. Acharam que fizeram bom negocio dando em troca d'elle ao mercador mil perolas admiraveis. Alguns mezes mais tarde, regressando a Pekim, o mercador que era honesto, foi procurar os seus freguezes para entregar-lhes o preço de suas mercadorias. A velha criada não recebeu senão dez moedas por um córte de sêda em máo estado que não valia mais do que isso. — E o gato de Da-Nain ? perguntou ella maldosamente, com certeza morreu no caminho.—Preciso justamente falar ao senhor Da-Nain, disse o

mercador em tom de deferencia. Quer me fazer o favor de chamal-o ? A velha, surpresa, foi chamar o rapazinho, que estava occupado em varrer a cozinha. — Anda, vem cá, vociferou ella rudemente. O mercador deseja falar contigo. Da-Nain correu ao salão, esperando receber boas noticias de seu amigo. Como era muito curiosa, a velha ficou escutando á porta.

— Senhor Da-Nain, permitta-me que lhe dê os parabens, disse o mercador apertando as mãos do orphão. O senhor está rico. O seu lindo gato foi comprado pelos reis de um paiz onde não havia nenhum bichano e eis aqui quanto pagaram elles pelo animalzinho.

Espalhou o mercador as perolas sobre um vasto tapete escuro onde ellas brilharam como mil estrellas. Da-Nain tivêra sempre muitas saudades de seu gato, mas esse thesouro inestimavel lhe causou prazer. Elle o offereceu á filha do seu protector dizendo-lhe que era para pagar a divida da moeda com que ella o presenteára. A mocinha gostava de Da-Nain, de modo que se casou com elle, tendo obtido para isso a permissão dos paes. Quando o mercador partiu novamente para a Oceânia, Da-Nain lhe confiou uma gata branca destinada a ser a companheira do seu gato tão querido. Desse matrimonio nasceram muitos gatinhos. De maneira que o paiz onde não havia gatos, ficou se chamando o paiz onde não havia ratos.

(Traducção de J. J.)



Salve, bandeira do Brasil, querida,
Toda tecida de esperança e luz !
Pallio sagrado, sob o qual palpita
A alma benedicta do Paiz da Cruz !

DOM AQUINO CORRÊA

A Cigarra e a Formiga



A historia que nos conta La Fontaine,
Comquanto encerre espirito e agudeza,
E' uma prova solemne
De que aquella formiga era franceza.

Porque a nossa formiga,
A formiga de roça, ruiva e feia,
Não tem um coração *p'ra que se diga*
Mas não se ufana da fraqueza alheia.

Pois num dia de crise muito séria
Pobre cigarra artista,
Sentindo todo o peso da miseria
Batera á porta da capitalista :

— Olha, formiga, estou necessitada ;
E' dolorosa esta situação ;
Aqui onde me vês, não comi nada,
Não tenho nêem um niquel de tostão.

Eis porque te procuro,
Certa de que me tiras deste aperto . . .
Hei-de pagar-te capital e juro
Com a renda do meu proximo concerto."

A formiga já muito escarmentada,
Coçando o queixo, como certa gente,
Aguentou firme o geito da toada
E disse calmamente :

— Compreendo e lamento a contingência
Em que te vês, contra a necessidade ;
Mas, dinheiro emprestado?! Tem paciência,
Eu não quero perder tua amizade . . .”

AD. MARROQUIM

METHODOLOGIA



LIÇÃO DE PORTUGUÊS A UMA CLASSE COM- PLEMENTAR

Meus meninos, hoje falaremos sobre as palavras compostas no português.

Primeiramente, diga-me, Luiz qual a lingua que falamos

— O português.

— Sim, muito bem. Falamos o português; a nossa lingua é, portanto, chamada portuguesa. Devemos estudal-a com todo o esmero, com todo o carinho, para bem manifestar os nossos sentimentos.

Nota que o Joãozinho está bastante interessado pelo assumpto de que hoje devemos tratar; o mesmo observo em Paulinho, e em todos os outros.

Estou certa de que todos vocês estão perfeitamente corajosos, e de que desejam

trabalhar. Pois bem; não percamos tempo. Você mesmo, Paulinho, como um menino applicado, será, sem duvida, capaz de me satisfazer n'algumas interrogações a respeito.

— Sim, professora, estou disposto.

— Muito bem, então vejamos. Sabendo você que a palavra lingua póde ser substituida pela palavra idioma, porque ambas significam a mesma cousa, será capaz de me dizer o que é idioma ?

— Idioma é a reunião de palavras de que se servem povos para a communicação de suas idéas.

— Muito bem ! Gostei muito da sua resposta.

(Escreve a professora na lousa a palavra “carta”.)

Todos vocês conhecem o sentido da palavra que acabo de escrever, disto estou certa. Porém, eu vou lhes dizer mais alguma cousa sobre ella.

Qual de vocês é capaz de me dizer a que categoria grammatical pertence a palavra carta ?

— Eu sei. Pertence aos substantivos.

— Sim, a palavra carta é um substantivo.

E a palavra carta-bilhete tambem o é Aloysio ?

— E', sim.

— Muito bem.

Mas vocês devem ter notado alguma differença entre as palavras "carta" e "carta-bilhete". Não notaram ? Pois bem, vou lhes explicar.

A palavra "carta", está representada por um só vocabulo, por consequente, é uma palavra simples; e a palavra "carta-bilhete", como vocês estão vendo, está representada por dois vocabulos, sendo por isso uma palavra composta.

— Ah! Ah! sim, já sei, professora, agora comprehendo o que são palavras simples e compostas.

— Dê-me, então, um exemplo de palavra composta.

— Porta-bandeira.

— Muito bem, vejo que comprehendiram. Attenção. Ha tres processos de composição das palavras em portugûes ; por justaposição, por prefixação e por agglutinação.

Vamos estudar em primeiro lugar o processo de justa posição. Vejam bem : nas palavras, *madresilva*, *couve-flôr*, *obra-prima*, etc., os elementos componentes se apresentam unidos por contacto ou por hyphen. Verifiquemos: as palavras estão collocadas umas após outras, sem nenhuma alteração. E' este, pois, o processo de justaposição—ou posto junto. Estudaremos agora outro processo, o de prefixação. Neste processo as palavras se compõem por meio de prefixos. Prefixos são particulas que se antepõem ás palavras modificando-lhes o sentido.

Por exemplo, da palavra "fazer" podemos formar "refazer" da palavra contente podemos formar descontente, com o prefixo "des", etc. Que significa refazer, Abel ?

— "Refazer" significa tornar a fazer.

— Bem.

E descontente que quer dizer, Mario ?

— Quer dizer não contente.

— Sim. Nas palavras compostas, o elemento principal chama-se determinado. Por exemplo na palavra "refazer", o determinado é "fazer", porque exprime a idéa principal e esta particula accessoria "re" é o determinante. Vejamos, agora, Rubens, qual o determinado da palavra "retomar" ?

— O determinado é "tomar".

— Muito bem. "Logo, "tomar" é o elemento principal, porque é o determinado e o prefixo "re", é o determinante.

Comprehenderam ?

— Sim, professora.

Passaremos ao terceiro processo, o de agglutinação—que não é mais do que uma justaposição mais intima. Darei exemplos. Escreva você, Pedro, a palavra "aguardente".

Bem. Quaes os elementos que formam esta palavra, José ?

— "Agua" "ardente".

— Escreva-os separadamente na pedra.

— "Agua" "ardente".

— Muito bem. Agora, vejam vocês que a letra *a* da palavra "agua" vai desaparecer, quando a collocarmos junto á palavra "ardente".

(A professora escreve no quadro negro a palavra "aguardente" e explica, para maior clareza dos alumnos, o desaparecimento da letra *a* da palavra agua, occasionado pela justaposição intima com a palavra "ardente"). E' preciso notar que a formação das palavras em portugûes não

se effectua sómente por meio de dois vocabulos, mas, ainda por meio de suffixos. Este processo de formação por meio de suffixos chama-se, de derivação. Mais tarde haveremos de estudar a formação das palavras por derivação.

Agora, porém, falaremos dum processo muito interessante de formação das palavras compostas.

Naturalmente notaram vocês que nos processos de composição que acabamos de estudar, as palavras tiram suas partes componentes do seio da propria lingua, porém, ha outro processo, do qual lhes vou falar, que consiste na formação de palavras cujos elementos são tirados de linguas diferentes. Como, por exemplo, a palavra "monoculo". Os meninos com certeza, já sabem o significado da palavra monoculo? Vejamos: mono — um, oculo — olho.

Portanto, monoculo quer dizer unico olho; isto é, oculo que serve para um só olho"

Este composto tira sua origem de duas linguas. Reparem bem: *mono* vem do grego; *oculo* vem do latim.

Chama-se a este composto, um hybrido, porque é formado de termos de linguas diferentes, e não deve ser utilizado. Que vem a ser composto hybrido, José?

— Hybrido é a palavra composta de termos tirados de linguas diferentes.

Muito bem. Ainda, outro exemplo, para melhor esclarecimento. Temos a palavra "sociologia", "socio" — vem do latim, "logia" vem do grego. Este composto, como se chama Waldemar?

— Chama-se hybrido.

A parte da grammatica que estuda os compostos chama-se etymologia. Etymologia é, portanto, o estudo da origem e formação do lexico.

Sabe, você, Delmiro, o que é lexico?

— Sei.

— Então diga.

— Lexico é o conjuncto de palavras que formam uma lingua.

— Perfeitamente.

NAIR CORDEIRO

Professora adjuneta do Grupo Escolar "Diéguas Junior".

O GRAPHITO

— Eu desejava muito saber, professor, de que materia é feita a parte do lapis, que escreve.

— Então, Rubens, ainda não sabe de que elemento é constituída a parte negra e central do lapis?

E' facil de satisfazer a sua curiosidade.

— Eu sei, professor, que é uma especie de carvão...

— Chama-se "graphito" essa substancia, que é uma especie de carbono contendo poucas impurezas.

— Eu me recordo de ter ouvido ja esse nome.

— O graphito tambem é conhecido sob a denominação de "plombagina".

— E donde se extráe essa substancia?

— Esse elemento é encontrado em massas compostas crystallinas, muito abundantes, nos terrenos primitivos, com especialidade na Siberia.

— Na Russia, não é, professor?

— Sim. A Siberia pertence a Russia e é a continuação desse paiz.

— E o graphito é encontrado nesses terrenos, com a mesma côr que o encontramos nos lapis?

— O graphito é opaco, dum cinzento de aço, gorduroso ao tacto.

— E é dura ou molle essa substancia, professor?

E' molle e com facilidade deixa traços sobre o papel, panno, etc.

— E o graphito serve sómente para a fabricação de lapis ?

— Não. Além de servir para o fabrico de lapis ordinarios, misturado com argilla, é empregado na fabricação de lapis para desenho; serve para tornar conductora a superficie dos moldes de guta-percha, destinados á galvanoplastica, isto é, a arte de applicar uma camada metallica sobre qualquer substancia; serve ainda para fazer cadinhos que resistam a altas temperaturas, etc.

— E o graphito é utilizado sómente quando endurecido, como nos lapis ?

— Estou vendo que o uso do graphito ou plumbagina, está despertando grande interesse á minha classe !

O graphito é empregado tambem em pó, para ennegrecer os objectos de ferro, para o que é dissolvido em oleo.

— E porque razão é necessario ennegrecer o ferro ?

— Penso que é indispensavel esse trabalho !

— E' verdade, faltou-me completar a explicação: o ferro é ennegrecido, afim de ficar protegido da ferrugem.

— Ah !

— O graphito, quando assim desfeito, serve tambem para sêr collocado nas engrenagens das machinas e nas peças de relojoaria.

— Estou vendo que o graphito se presta para muitas coisas uteis.

— E' exacto. E' uma especie de carbono, de grande aproveitamento.

E' bom que saibam, ainda, que se póde conseguir artificialmente o graphito.

— Como, professor ?

— Já vae ver, Lucio, e ficar sabendo que isso se consegue sem difficuldade. Para tanto, basta dissolver-se carvão em ferro derretido que, acto continuo se submete a um resfriamento demorado.

O graphito é preparado aos poucos, sob a fórma de laminazinhas.

ZOOLOGIA

— Abra as duas janellas do fundo da sala. José, afim de que esse mamifero, que está voando sobre nossas cabeças, possa sair.

— Mamifero ? ! Pois o morcego não é uma ave ?

— Então, ainda não sabe que o morcego não é ave ?

— Mas elle vòta tal qual como as aves e creio que, como ellas, tambem se alimenta de frutas.

— Sim. Os morcegos voam com relativa facilidade e alguns se alimentam de fructos. Mas o facto d'elle voar não quer dizer que seja ave.

— Eu pensava que eram sómente as aves e os insectos que voavam.

— Pois fiquem sabendo que não são, pois si até os homeus hoje voam !

— Ah ! voam, mas, de aeroplanos...

— Diga-me você, Oscar, como são constituidas as azas dos morcegos ?

— Não pude observal-as, porque ainda não vi um morcego de perto, professor.

— Diga, então, você, Rubens, que está ancioso por falar.

— As asas dos morcegos são duas membranas.

— Muito bem. Então, qual é a differença entre as azas dos morcegos e as das aves, Pedro ?

— As aves têm o corpo coberto de penas e, portanto, as azas tambem, ao passo que os morcegos têm em lugar de azas uma pelle que cobre tambem os membros anteriores.

— E o que se nota, ainda, sobre a pelle dos morcegos, Israel ?

— A pelle dos morcegos é coberto de pellos curtos.

— Agora é a vez do Luiz dizer-me quaes as partes que constituem o corpo dum morcego.

— Eu sei, professor, porque já vi muitos na figueira do quintal de casa.

— Diga, então.

— O corpo do morcego é envolvido por uma pelle coberta de pelliños, macios ; o morcego tem duas orelhas, parecidas com as dos ratos ; tem uma bocca com dentes.

— E esses dentes, como são ?

— São bastante agudos.

— E as azas ?

— As azas são esquisitas !

— Você não sabe defini-las bem. Escute: as azas são formadas pela pelle que se prolonga do pescoço á cauda. Os membros anteriores e os posteriores, são cobertos por essa mesma pelle, deixando apenas livres os pés e um dedo de cada uma das mãos.

— Como é interessante o morcego !

— Ainda não descrevemos todo o corpo desse animal.

— Que falta, portanto, Zoé ?

— O bico...

— Ora ! pois acabámos de ver que o morcego tem boca e dentes !... Você não está prestando attenção !

— Eu sei, professor.

— Olhe, o Astolpho vae fazer bonito ! Diga.

— Os olhos...

— E' boa ! Desde que elle tem cabeça, orelhas, boca e dentes, porque não haveria de ter olhos ?

Vocês não sabem e estão fazendo cada fiaseco !... Faltam as duas mammas. O morcego as tem e por isso é mamífero.

— E' mesmo...

— Agora, é que vocês deram pela coisa !... Entendeu agora, seu Zoé, porque os morcegos não são aves ? E por falar em aves, você vae me dizer o que nota nellas.

— As aves têm o corpo coberto de penas e na boca tem um bico...

— E qual a differença que ha entre as azas dellas e as dos morcegos, sendo como sabemos, estas membranosas e aquellas cobertas de pennas ?

— Eu sei, professor.

— Diga, Raul.

— As azas das aves são bem livres e as dos morcegos vêm da membrana que lhes cobre o corpo inteiro.

— Muito bem. A sua resposta foi boa. E você, Roberto, o que me diz sobre o bico das aves ?

— Ellas têm um bico duro.

— Têm um bico corneo, resistente. Eis outra differença entre as aves e os morcegos.

— Os morcegos são animaes nocturnos, não é professor ?

— Sim ; e como já lhes disse, alguns se alimentam de fructos e outros de insectos, isto é : uns são frugivoros e outros insectivoros.

— Mas eu ouvi dizer que ha uma especie de morcego que se alimenta do sangue dos outros animaes.

— Esses chamam-se "Vampiros", e sugam o sangue dos animaes de tal jeito, que não lhes causam dôr.

— Os morcegos, então, não prestam : são animaes inúteis.

— Conforme a especie. Os que comem insectos devem sêr poupados, por serem uteis á agricultura.

— E os vampiros e os frugivoros ?

— E' claro que são nocivos, porque uns sugam os animaes e até mesmo o homem, e outros estragam as fructas dos pomares.

— E qual é o modo de evitar que os vampiros suguem o sangue dos animaes ?

— O melhor modo é collocar-se uma luz no logar onde os animaes dormem.

— Então, os morcegos têm medo da luz ?

— Tanto assim, que durante o dia não

sáem dos seus esconderijos. Elles agem nas trevas, na escuridão.

PLANTIO DAS ARVORES

— Qual de vocês já plantou uma arvore ? Vejo que a maior parte dos meus alumnos ainda não teve essa felicidade. Lá está o Arthur a sacudir a mão. Digame, então, que especie de arvore você plantou ?

— Plantei uma laranjeira.

— Muito bem. E você, Arthur ?

— Eu plantei diversos pés de milho.

— Então não plantou uma arvore, e sim uma planta de caule herbáceo. Nós damos o nome de arvore ás plantas cujos caules tomam o nome de troncos, por serem providos de ramos e serem fortes.

— E caule herbáceo, o que é professor ?

— E' aquelle que é verde e morre no fim de um anno de vida. Como exemplo, temos a planta do milho, do feijão, da batata, da ervilha, etc.

— Mas deve haver outras especies de caules, não é ?

— Sim.

Outros existem que nos primeiros tempos de vida são também verdes, debeis, mas, com o perpassar do tempo vão se tornando mais escuros e fortes: são os lenhosos... Voltemos ao assumpto primitivo desta palestra. Como foi que você plantou a sua laranjeira, André ?

— Eu plantei uma muda de laranjeira numa cova redonda.

— As covas redondas são, de facto, as melhores e não levam mais tempo a sêr feitas que as quadradas. E o que mais você fez para plantal-a ?

— Eu molhei um pouco a cova e adubei a terra que tirei da mesma e que devia envolver a raizinha da muda.

— Realmente, o adubo é necessario quando se faz o plantio de mudas ou se-

mentes, e deve sêr feito de accordo com a pobreza da terra e com a idade das plantas.

— Eu acertei, porque já tinha visto papae plantar algumas arvores em nossa chacara.

— E vocês fiquem sabendo que as arvores são plantadas geralmente muito mal, motivo pelo qual muitas, quando chegam a certa idade, soffrem uma especie de encruamento e vão definhando até á morte. Uma arvore forte, sadia, resiste a pragas e a molestias que costumam atacar as plantações.

— A minha laranjeira já está grande e vicejante !

— E' porque foi bem plantada.

— E porque eu tenho muito cuidado com ella. Este anno eu espero colher alguns fructos.

— Outra coisa que talvez vocês não saibam, é que os insectos atacam mais as arvores rachiticas, pobres de seiva, deixando de lado, incolumes, as arvores fortes. Estas, pelo vigor, se defendem naturalmente, do mesmo modo que o organismo animal, forte, se defende contra as enfermidades.

— Dizem que, quando as covas são grandes, as arvores crescem com mais força.

— Vamos falar sobre isso. A questão da abertura das covas, obedece a certas disposições de accordo com a especie da planta. Quando os terrenos em que se vão plantar arvores é pobre, as covas devem ser profundas e abertas com antecedencia de mezes.

— Isso, porque é no fundo que estão os saes que dão força á planta ?

— Não, porque na superficie dos terrenos não existem humus e saes em abundancia, muito menos nas profundidades do sólo.

— Então, porque, professor ?

— Porque, depois de abertas as covas nos logares onde haja difficuldade de se obter adubo, plantam-se nas bordas daquelles, nos montinhos de terra superficial, algumas sementes de feijão fava, ou dalguma leguminosa que dê bôa ramada. Feito isto e quando essas leguminosas estiverem com as ramagens grandes, são estas enterradas nas ditas covas.

— Então essa folhagem é uma especie de adubo ?

— Perfeitamente. A plantação de leguminosas que cobrem o sólo ao redor das covas é de muita conveniencia porque ajudam a terra a enriquecer-se.

— Pelo que vejo, professor, toda a planta precisa de adubo ?

— E' exacto. Principalmente as que são plantadas em terrenos pobres.

A adubação, entretanto, necessita de conhecimentos. Muitos julgam que a grande quantidade de adubo é que dá bom resultado. Todavia, esse modo de ver, está errado.

— Eu pensava que quanto maior fosse a quantidade de estercó, melhor seria para a planta !

— E' mais conveniente uma quantidade bem applicada do que uma quantidade enorme mal enterrada.

Fiquem sabendo tambem que na superficie da terra existe mais humus, que no fundo, motivo pelo qual as covas não devem sêr muito profundas.

— E nem muito largas ?

— As covas devem ser largas, espaçosas.

Da "Revista Escolar", de S. Paulo.

Carta ao Exmo. Snr. Pedro da Costa Rego

Exm.^o Sr. Pedro da Costa Rego, DD. Governador do Estado de Alagoas. — Macêió.

Havendo retornado do Paraná, em cuja capital se realizou, de 19 a 27 de dezembro ultimo, a "Primeira Conferencia Nacional de Educação" promovida pela "Associação Brasileira de Educação" e patrocinada pelo governo paranaense, cumpreme, como delegado que fui da instrucção publica de Alagoas, entregar a V. Exe. este Relatorio, que vaé dividido em duas partes: a primeira, correspondente á minha acção no decurso da Conferencia; a segunda, do que julguei conveniente fazer em prol do ensino em Alagôas, visitando eu, após o encêrro dos trabalhos officiaes, varias localidades do Sul que se vêm re-

commendando de ha muito, pelos seus levantados institutos de educação e ensino. Dessa reportagem annexo documentos, os quaes poderão servir de regulares subsidios para aproveitaveis melhoramentos, hoje ou amanhã, no organismo pedagogico de nossa didactica.

1.^o — MINHA THESE : — "Antagonias da Didactica na Unilateralidade do ensino".

Em observancia ás prescripções da "Conferencia", escrevi e publiquei a these acima denominada, cujas conclusões, em face do apressado do tempo, foram em separado, dactylographadas.

Versou o trabalho sobre o ensino rural e o urbano, e onde mostrei a urgente necessidade de novos moldes em ambos, ma-

xime no rural, que, na realidade não existe no Estado, ocasionando isso graves consequências cada vez maiores e mais intensas para o futuro, dado o accumulo de erros praticados desde o principio de nossas instituições escolares. Distribuida a these á Primeira Commissão de Theses Geraes, que teve como presidente o Delegado do Rio Grande do Sul, dr. Raul Bittencourt, e como Relator, o dr. Jayme Ayres, Delegado da Bahia, foi a mesma a plenário para a devida discussão, sendo approvada integralmente, com emendas apenas em dois ou três itens das conclusões, com o que o A. concordou e se terá de ver quando da publicação dos Annaes.

Infelizmente o pouco tempo pre-marcado para os trabalhos da Conferencia e o numero avultado de theses e memoriaes não permittiram que certos e valiosos trabalhos fossem estudados e discutidos com vagar e o raciocínio indispensaveis a mais perfeito julgamento. Tanto é assim que o dr. Raul Bittencourt secundado pelo dr. Jayme Ayres, lembrou fosse minha these estudada e julgada com mais vagar, não devendo ser isso feito de afogadilho, uma vez que se tratava de "um trabalho dos mais importantes que foram ali apresentados", ou mesmo "o mais importante", como em plenário declarou o Delegado do Rio Grande do Sul. Estas particularidades não as relato enfunado com o sopro futil de vaidades pueris; faço-o com o prazer de mostrar que Alagoas, por muitos ali julgada dos ultimos Estados em materia de instrucção, não fôra tão apagadamente representada, podendo, como poude depois, conquistar um lugar de relevo no conceito da Conferencia, provando o seu Delegado que Alagoas, se não era um dos primeiros Estados da Republica em instrucção e ensino, não era dos ultimos, como a tantos parecia. Para isso

me serví de dados estatísticos colhidos na ultima Mensagem de V. Exc. pag. 27 á 39 e annexos Ns. 1 e 1t.

2.º — *Minha posição na Conferencia* : — Na sessão preparatoria fui eleito presidente da Segunda Commissão de Theses Geraes, do que procurei dar conta conforme as disposições regulamentares.

3.º — *Um incidente*: — Numa das ultimas sessões foi apresentada por um dos congressistas, proposta de voto de louvor á Bahia pelo muito que aquelle Estado vem fazendo, de certo tempo para cá, em prol do ensino publico. Como é das estatísticas, todos sabemos que a Bahia formava na retaguarda dos outros Estados em materia de ensino. Poucas escolas, ensino estacionario, professorado em atrasos permanentes, desorganização geral. Por uma bem feita Memoria que o dr. Jayme Ayres, delegado daquelle Estado apresentou, vimos todos que a Bahia começava de sair do proverbial atraso e entrava numa phase de francas prosperidades e progressos de ordem pedagogica. Nada mais, pois, que se applaudir o esforço daquelle governo. Foi o que se fez, dando Alagoas, pelo seu Delegado, o seu voto áquella justa proposta. Lembrou-se, porém, um congressista, de alterar o voto á Bahia, propondo fosse elle extensivo a todos os Estados da União. O Delegado de Alagoas protestou e argumentou, que, se a Bahia o merecia porque trabalhava hoje em prol de sua instrucção publica e particular como se justificaria essa moção a Estados que não procuravam melhorar seus institutos de ensino ? Era uma tremenda incoerencia. No decurso do protesto o Delegado de Alagoas teve de fazer prova, e, para não ir a Estados de poucos recursos, apontou como modelo de immerecimentos a taes applausos, o Estado de Pernambuco, que, com um vultuoso orçamento de

mais de 40 mil contos, e arrecadação real superior a 60 mil, destinava ao serviço de sua instrução uns 1.800 contos collocando-se, conforme estatística nacional, no ULTIMO logar como Estado que MENOS despende com a instrução publica de seus habitantes. Assim, era logico, se Pernambuco merecia a mesma distincção lembrada á Bahia, perdia tal moção a intensidade de sua justiça, não passando de reles barretada sómente justificavel em meos onde os fingimentos devem superar a clara figura da verdade. Então, aproveitando o ensejo mostrei que Alagoas, mais que nenhum outro Estado, merecia voto igual ao da Bahia, pelo muito que vem fazendo pela instrução, bastando citar a sua verba destinada ao aparelho do ensino, cuja ultima percentagem é de quase 16 % ! Para maior divulgação, dei curso depois, a todos esses informes que tanto honram Alagoas, e, particularmente, ao governo de V. Exe., pela imprensa de Curityba e Rio, além de conferencias socio-pedagogicas nas importantes cidades de Ponta Grossa (Paraná) e Campos, no Estado do Rio. A emenda caiu, sendo substituida por telegrammas de incentivo.

Segunda Conferencia Nacional de Educação ; — Ao encerrar-se a Primeira Conferencia, reuniram-se todos os Delegados para escolha da séde da Segunda Conferencia. Como nenhuma recommendação tinha eu sobre a attitude de Alagoas, nesse particular, e, sendo o caso mais do interesse e deliberação da Associação Brasileira de Educação, dei tambem, em nome deste Estado, meu voto em favor da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, que foi a escolhida para ali realizar-se a Segunda Conferencia Nacional de Educação, a 7 de setembro proximo. Pela escolha, me congratulei com o repre-

sentante do Rio Grande do Norte na Conferencia, dr. Nestor Lima, por se tratar de um Estado do Nordeste, região, de ordinario tão esquecida de todos e para tudo que diga respeito ao progresso do país.

SEGUNDA PARTE

Julgando de effeitos morosos os resultados praticos da Conferencia, resolvi substanciar em sentido mais pratico quaesquer beneficios que da mesma reunião viessem para a nossa instrução publica. Assim, me demorei mais alguns dias em Curityba afim de melhormente me inteirar de seus processos de ensino e organização geral de sua instrução escolar. Como as escolas só reabrissem cerca de 15 de janeiro, e me não sendo possivel aguardar esse tempo, procurei o dr. Ly-simaco da Costa, Inspector Geral do Ensino e seu organizador, de quem recebi os melhores informes e documentos. O Paraná, gosando hoje, sem favor, da fama de Estado modelo em materia de educação, offerece a quem se interessar por assumptos educacionaes, vasto campo de observação e uteis ensinamentos, dignos de adoptados.

Dividindo-se o ensino normal em primario e secundario, estive na cidade de Ponta Grossa, segunda do Estado, onde visitei a Escola Normal Primaria, havendo colhido com os melhores elementos do magisterio, informações geraes acerca de programmas e methodos de ensino, em estudo parallelo aos nossos.

Uma das minhas preocupações, era conhecer os processos de ensino montessoriano e de ensino da leitura pelo methodo analytico, desde que, em nossas escolas isoladas e grupos, conforme tive ja occasião de observar, taes ensinoss se resentem de falhas, excepção do curso pre-escolar do Grupo Pedro II, sob a direcção de uma

verdadeira apaixonada da educação montessoriana. Das pesquisas feitas, cheguei á conclusão de que, a debelação dos defeitos, maxime no ensino analyticó, depende exclusivamente da habilidade do professor, o qual, se se descuidar terá o desprazer de verificar vicios e defeitos desconcertantes no aprendizado dos alumnos, phenomenos que tambem se verificam nas escolas do Paraná, e, de certo, em qualquer escola do país. Não é, pois, questão de methodo. Não lhe ha defeito. Este, se apparece, é fruto de negligencia ou descuido do professor.

Nos Jardins da Infancia do Paraná, visitados por mim, tive a grande satisfação de verificar que as nossas classes similares só lhes eram inferiores em materia de aparelhagem e localizações ou installações. Quanto ao ensino primario, a organização é muito mais perfeita, e causa admiração o desvello do professorado primario, a assistencia dos inspectores, a fiscalização intensa do Inspector Geral, afim de que não arrefeça o entusiasmo que anima o grande organismo pedagogico paranaense; naquella memoravel campanha em prol dos creditos de civilização e cultura, que é o seu aparelhamento escolar.

Deixando o Paraná fui a S. Paulo, o sempre citado centro de educação escolar, profissional, universitaria e normal do país. Não dispondo de tempo sufficiente para maiores observações e entrevistas com o seus mestres, limitei-me a colher o que de melhor houvesse acerca de assistencia medica ás escolas, tanto mais, que, conforme ouvira de respeitavel e acatado vulto do ensino normal de S. Paulo, a sua instrucção publica não era superior á do Paraná de hoje. Assim, vontade de conhecer a organização medico-escolar do grande Estado, fui apre-

sentado ao dr. B. Vieira de Mello, emérito pedagogista, fundador e director da assistencia escolar daquella capital, nome que ja conhecia, pela leitura de sua importante obra "Hygiene Escolar e Pedagogica", dada á estampa em 1917. Com esse notavel conhecedor das necessidades que tem a escola moderna da assistencia medica, entretive palestras em torno de taes assumptos, ratificados depois por vasta documentação, em folhetos, tratados e relatorios sobre a assistencia medico-escolar em S. Paulo, o que reputo da maior utilidade para instituición em Alagôas, estando eu á disposiçáo da Directoria de nossa instrucção publica, com prazer lhe fornecendo os dados e informações uteis que recebi em S. Paulo sobre aquelle serviço. A quem se der ao trabalho ou curiosidade de estudar a nossa população infantil que frequenta escolas, ha-de passar o deploravel estado da creançada sob o ponto de vista da saude. Vemos creanças, idiotas, retardadas, em promiseuidade com outras normaes sem que, para isso, haja racional norma de educação. Vemos outras, doentes, ancilosadas, viciadas, gotosas, escoliosadas, sujas, surdas, myopes, anti-hygienizadas, descalças, mal educadas, ao lado de outras, respectivamente, em seus contrarios. Dada a ausencia de assistencia medico-escolar, o professor tambem fecha os olhos a essas graves inconveniencias e irregularidades nós mais rudimentares preceitos de regencia escolar, e dahi o campear livremente a maior ignorancia dos deveres reciprocos entre o mestre e o alumno. Não havendo *fichas* de registro, nenhuma pesquisa pode fazer o professor, para classificar seus educandos, desconhecendo os que são normaes e os que são anormaes, intellectuaes ou moraes. De maneira, que, se se quiser levantar uma estatistica escolar, nenhum

Antes de tudo o professor deve dar a posição ao alumno. Esta deve ser natural, facil, hygienica, sem offender ás leis physiologicas. Assim, pois, o corpo deve ficar aprumado, pouco inclinado para a frente, os pés, em cheio no chão, *em frente e não debaixo* da cadeira, os ante-braços, pousados levemente sobre a mesa, o ante-braço direito, formando quasi um angulo recto com as linhas do caderno e com o outro braço.

A posição do alumno deve ser *em frente e não ao lado*, da cadeira.

Deve haver especial cuidado na maneira de pegar no lapis ou na caneta. Ao alumno não deve ser permittido agarrar a caneta com força, mas segurá-la, leve e delicadamente, e, ao mesmo tempo, firmemente, como exige o trabalho delicado que vai fazer, deixando á mão a maior liberdade de correr sobre o papel, apoiada ás extremidades dos dedos anular e minimo.

Urge que o alumno obtenha um movimento facil e rapido dos dedos, da mão e do ante-braço. E' preferivel fazer com alguma liberdade, rapidez e facilidade uma letra soffrivel, á habilidade de fazer uma letra perfeita, trabalho vagaroso e, acanhado, pois não sómente isto traz ao alumno o habito de escrever morosamente como ainda lhe rouba o tempo escolar.

O professor deve escrever no quadro negro, em letras grandes, a norma de cada lição, antes de começá-la, chamando a attenção da classe para o movimento e a forma da letra em ponto maior e para a inclinação das linhas.

Pelo systema adoptado a inclinação das linhas principaes é de 52 grãos e as das complementares, de 30 grãos.

Desde a primeira lição é preciso ensinar ao alumno a observar o parallelismo entre as linhas, isto é, que todas as letras tenham a mesma inclinação.

Não convem, porém, falar no principio, dos elementos que compõem as letras — a haste e as curvas, partes que só mais tarde podem ser explicadas.

Nas classes de alumnos de 7 a 12 annos urge haver, pelo menos, 4 lições por semana, de 30 minutos cada uma. O ensino deve ser dado a toda classe e nunca individualmente.

O material tem de ser uniforme, canetas leves e adaptaveis ás mãos pequenas. Cada alumno deve ter um pedacinho de pannò velho para limpar as pennas e um pedaço de papel mataborrão. E' sempre melhor que os tinteiros sejam fixos nos bancos, e tenham tampa.

E' imprescindivel haver uma ordem e regularidade nos trabalhos. Um, ou mais munitores, distribue os cadernos, as canetas e recolhe-os depois da aula. Este material recolher-se-á na ordem em que foi distribuido para evitar demora e confusão. Entretanto cada professor adoptará a ordem que achar melhor.

Depois da distribuição do material, feita pelos munitores, o mestre chamará os numeros seguintes :

PARA COMEÇAR A AULA

- 1——Um ; tomar posição.
- 2——Dois ; abrir os cadernos.
- 3——Tres ; tomar as canetas.
- 4——Quatro ; escrever.

PARA FECHAR A AULA

- 1——Um ; enxugar as pennas.
- 2——Dois ; enxugar a escripta.
- 3——Tres ; fechar os tinteiros.
- 4——Quatro ; fechar os cadernos.

A distribuição da luz na sala de classe é muito importante. Convem ser uni-la-

teral esquerda pois a que entra pelo lado direito obriga ao alumno escrever na sombra da propria mão. Deve tambem a luz ser abundante.

A altura das lettras, isto é, o espaço, entre as linhas, que corresponde á altura das lettras pequenas, é de 5 millímetros.

Os exercicios são cuidadosamente gra-

duados. Póde-se pouco e pouco reduzir a altura das lettras de 4 até de 3 millímetros, como a lettra commercial.

Macció, 27 de fevereiro de 1928.

Elizabeth Ledl Carrascosa,

Professora Publica Primaria.

Programmas da Escola Normal



CURSO PREPARATORIO

1.^a CADEIRA

PORTUGUÊS

- 1—Leitura de prosa e verso em livros de escriptores brasileiros e portuguezes.
- 2—Resumo, commentario, interpretação de phrases com palavras e expressões da leitura.
- 3—Leitura modelo, feita pelo professor para desenvolvimento do gosto artistico e cultura da imaginação.
- 4—Variados exercicios de redacção. Narrações, descripções, cartas, contos suggeridos por leitura, á vista de estampas ou fazendo o alumno evocar factos occorridos em sua propria vida.
- 5—Recitação de prosa e verso. Passagem de verso para prosa.
- 6—Dietados de trechos dando ensejo aos exercicios de pontuação.
- 7—Estudo do periodo.
- 8—Da oração quanto á natureza ou categoria.
- 9—Do connectivo.
- 10—Caracteristicos e classificação das orações coordenadas.
- 11—Caracteristicos e classificação das orações subordinadas.
- 12—Estudo da proposição e de seus membros: classificação e constituição do sujeito; classificação do predicado; objecto directo, sua classificação e constituição; objecto indirecto, sua classificação e constituição; complemento terminativo; constituição e caracteristicos do adjuncto attributivo e do adjuncto adverbial.
- 13—Exercicios de conjugação dos verbos.
- 14—Estudo do verbo quanto a sua conjugação, quanto a seu sujeito e quanto a seu complemento.
- 15—Analyse syntatica.
- 16—Estudo geral das categorias grammaticaes.
- 17—Idéa de tratamento e de concordancia; noções praticas sobre o emprego da crase, exercicios variados sobre as palavras que podem receber mais de uma classificação.
- 18—Commentario sobre familia de pala-

- vras: palavras homonymas, antonymas a paronymas. Synonimia.
- 19—Divisão das palavras quanto á syllaba e accentuação.
- 20—Estudo dos grupos vocálicos.
- 21—Analyse lexica.

FRANCEZ

- 1—Noções preliminares.
- 2—Do substantivo.
- 3—Formação do plural dos substantivos.
- 4—Formação do feminino dos substantivos.
- 5—Do artigo.
- 6—Do adjectivo em geral.
- 7—Formação do plural dos adjectivos.
- 8—Formação do feminino dos adjectivos.
- 9—Grãos.
- 10—Adjectivos numeraes.
- 11—Adjectivos demonstrativos.
- 12—Adjectivos possessivos.
- 13—Adjectivos indefinitos.
- 14—Dos pronomes pessoais.
- 15—Dos pronomes demonstrativos.
- 16—Dos pronomes possessivos.
- 17—Dos pronomes relativos.
- 18—Dos pronomes indefinitos.
- 19—Verbos auxiliares *Avoir e Être*.
- 20—Verbos regulares da 1.^a conjugação.
- 21—Verbos regulares da 2.^a conjugação.
- 22—Verbos regulares da 3.^a conjugação.
- 23—Verbos regulares da 4.^a conjugação.
- 24—Leitura e traducção.

CALLIGRAPHIA

- 1—Vertical.
- 2—Americana.
- 3—Gothica allemã.
- 4—Redonda franceza.
- 5—Gothica ingleza.
- 6—Italiana.

- 7—Hespanhola.
- 8—Pratica do ambidextrismo.
- 9—Exercicios de rapidez e legibilidade.

A professora, *Carmen Novaes*.

2.^a CADEIRA

HISTORIA DO BRASIL

- 1—Descobrimto do Brasil.
- 2—Primeiras explorações.
- 3—Capitanias hereditarias.
- 4—Governo geral. Os tres primeiros governadores.
- 5—Divisão do Brasil em dois governos. *Dominio hespanhol*.
- 6—Invasões francezas.
- 7—Primeira invasão hollandeza.
- 8—Segunda invasão hollandeza.
- 9—Palmares. *Emboabas e Mascates*.
- 10—Explorações e bandeiras. *Marquez de Pombal*.
- 11—Inconfidencia mineira.
- 12—Transmigração da familia real portuguesa.
- 13—Revolução pernambucana de 1817.
- 14—Independencia do Brasil.
- 15—Occurrencias até a abdicação de D. Pedro I.
- 16—Regencias.
- 17—Maioridade de P. Pedro II.
- 18—Abolição da escravatura.
- 19—Republica.
- 20—Governos republicanos.
- Livro indicado :

Pequena Historia do Brasil—Mario da Veiga Cabral.

GEOGRAPHIA

- 1—Geographia. *Systema solar*.
- 2—Terra. *Movimentos da Terra*.
- 3—Horizonte. *Globos e mappas*.
- 4—Geographia physica.
- 5—Geographia politica.

- 6—Mares, golfos e estreitos da America.
- 7—Meteorologia. Climatologia.
- 8—Ilhas, peninsulas, cabos e montanhas da America.
- 9—Rios, lagos e paizes da America.
- 10—Orographia do Brasil.
- 11—Mares, golfos e estreitos da Europa.
- 12—Hydrographia do Brasil.
- 13—Ilhas, peninsulas, cabos e montanhas da Europa.
- 14—Rios, lagos e paizes da Europa.
- 15—Mares, golfos e estreitos da Asia.
- 16—Ilhas, peninsulas, cabos e montanhas da Asia.
- 17—Rios, lagos e paizes da Asia.
- 18—Mares, golfos e estreitos da Africa.
- 19—Ilhas, peninsulas, cabos e montanhas da Africa.
- 20—Rios, lagos e paizes da Africa.
- 21—Mares, golfos e estreitos da Oceania.
- 22—Ilhas, peninsulas, cabos e montanhas da Oceania.

Livro indicado :

Gographia primaria — Mario da Veiga Cabral.

ARITHMETICA

- 1—Algarismos. Algarismos arabicos e romanos.
- 2—Definições. Numeração. Formação das diversas unidades.
- 3—Escripta e leitura dos numeros. Numeração das quantias.
- 4—Signaes arithmeticos. Operações fundamentaes.
- 5—Adição.
- 6—Subtração.
- 7—Multiplicação.
- 8—Divisão.
- 9—Theoria dos numeros. Descriminação dos numeros primos.
- 10—Caracteres da divisibilidade.
- 11—Maximo divisor commum.
- 12—Minimo multiplo commum.
- 13—Fracções ordinarias.

- 14—Fracções. Adição e subtração.
- 15—Fracções. Multiplicação e divisão.
- 16—Fracções decimaes. Adição e subtração.
- 17—Fracções decimaes. Multiplicação e divisão.
- 18—Systema metrico.
- 19—Regra de tres simples.
- 20—Complexos.

Livro indicado :

Arithmetica progressiva de Antonio Trajano.

A professora, *Maria Carmelita Cardoso.*

COSTURA

- 1—Bainhas laçadas e abertas em lençóis, toalhas, guardanapos, lenços, fronhas.
- 2—Emprego de pontos de phantasia em panninhos de uso domestico, lenços, babadoures, e aventaes de creanças.
- 3—Pospontos, franzidos e pregueados. Primeiros ensaios de corte de roupas brancas para meninas com emprego de moldes: camisas, calças e combinações.

A professora,

Maria de Albuquerque Lima

CURSO NORMAL

1.º ANNO

PORTUGUÊS

- 1—Lexeologia — Phonologia — Sons e letras, classificação dos phonemas e grupos vocalicos.
- 2—Prosodia—Syllaba, quantidade e tonicidade.
- 3—Metaplasmos — Palavras flexive's. Substantivos, adjectivos, pronome e verbo.
- 5—Flexão do substantivo. Genero, numero e grau.

- 6—Flexão do adjectivo. Genero, numero e gráu.
- 7—Pronome e sua classificação.
- 8—Verbo e sua classificação.
- 9—Palavras inflexivas. Adverbio, preposição, conjuncção e interjeição.
- 10—Etymologia. Origem e formação do vocabulario da lingua portugueza. Derivação e composição.
- 11—Vicios de linguagem e textos a corrigir.
- 12—Noções de syntaxe. Sujeito e predicado, objecto directo e indirecto. Livros indicados ;
Patria Brasileira de Olavo Bilac.
Grammatica de Eduardo Carlos Peireira.
Methodo de Analyse de Carlos Góes.
- 15—Vocabulario. Dictado.
- 16—*Ser de possessivo*. (Como se exprime em francez).
- 20—Syntaxe do pronome.
- 17 Syntaxe do nóme. Palavras de duplo genero.
- 18—Syntaxe do *artigo.
- 19—Syntaxe do adjectivo.
- 20—Syntaxe do pronome.
- 21—Vocabulario. Dictado. Formação de phrases.
- 22—Collocação de pronomes pessoas complementos.
- 24—Syntaxe do verbo.
- 25—Syntaxe do particípio. Participios presente e passado.
- 26—Leitura e traducção.

O lente,

O lente,

*Dr. Zeferino Rodrigues.**Dr. Jacintho Medeiros Filho.*

FRANCEZ

(Revisão da matéria estudada no anno anterior)

- 1—Adaptação graphica dos verbos.
- 2—Conjugação negativa.
- 3—Conjugação interrogativa.
- 4—*Est-ce-que* na oração interrogativa.
- 5—Vocabulario. Dictado.
- 6—Formação dos tempos.
- 7—Das differentes sortes de verbos.
- 8—Do particípio.
- 9—Dictado. Formação de phrases.
- 10—Verbos irregulares.
- 11—Do adverbio. Lista dos principaes adverbios.
- 12—Da preposição. Lista das principaes preposições.
- 13—Da conjuncção. Lista das principaes conjuncções.
- 14—Da interjeição.
- 1—Quantidade, unidade e numero. Numeração falada e escripta. Principios fundamentaes da numeração. Systemas de numeração. Regras para ler e escrever numeros.
- 2—Addição e subtração. Complemento Arithmetico. Processo espontaneo e systematico na pratica das referidas operações. Provas.
- 4—Divisão. Processo espontaneo e systematico. Propriedade da divisão. Provas.
- 5—Divisibilidade dos numeros. Theoremas.
- 6—Caracteres de divisibilidade. Theoremas.
- 7—Decomposição de um numero em factores primos. Determinação de todos os divisores primos e multiplos de um numero.
- 8—Maximo divisor commum. Theoremas. Regra para achar o maximo

ARITHMETICA

- divisor commum de 2 ou mais numeros.
- 9—Menor multiplo commum de 2 ou mais numeros. Theoremas. Exercícios.
- 10—Fracções ordinarias. Comparação entre as mesmas e a unidade. Variação ou alteração que póde soffrer uma fracção. Theoremas. Transformação de números fraccionarios ou inteiros em fracção impropria.
- 11—Redueção de fracções ordinarias á expressão mais simples e ao mesmo denominador. Fracções continuas.
- 12—Operações sobre as fracções ordinarias.
- 13—Fracções decimaes. Suas propriedades e alterações. Operações. Sua conversão em fracções ordinarias e vice-versa. Dizimas periodicas.
- 14—Quadrado e raiz quadrada de numeros inteiros, de fracções ordinarias e decimaes. Exercícios. Raiz quadrada approximada ou com uma taxa de approximação dada.
- 15—Cubo e raiz cubica de inteiros e de fracções ordinarias e decimaes. Raiz cubica approximada ou com uma taxa de approximação dada.
- 16—Systema metrico decimal.

O professor-interino,
Agnello Marques Barbosa.

GEOGRAPHIA

- 1—Geographia. Divisões e subdivisões. Forma da terra. Movimentos. Circulos da Esphera terrestre. Zonas. estações. Latitude e Longitude.
- 2—Representação da Terra. Terras e Aguas. Athmosphera.
- 3—Os continentes, os oceanos e os mares.
- 4—Formas sociaes. Raças. Religiões.

Linguas. Formas de Governo.

- 5—Montanhas da America do Norte. Rios e estreitos.
- 6—Estados Unidos, Canadá e Mexico. principaes portos do Atlantico.
- 7—America Central.
- 8—Paizes e Rios da America do Sul.
- 9—Systema orographico da America do Sul.
- 10—Ilhas e portos principaes da America do Sul.
- 11—Limites, ilhas, peninsulas, estreitos e Rios da Europa.
- 12—Relevo da Europa. Suas producções naturaes.
- 13—População, paizes, superficie, formas de governo na Europa.
- 14—Principaes portos da Europa. A Inglaterra.
- 15—França, Belgica, Suissa e Allemanha. Cidades principaes e forma de governo.
- 16—Italia. Hespanha e Portugal. Posição geographica. Commercio, industria, população. Cidades e portos principaes.
- 17—Prussia e Finlandia.
- 18—Suecia. Noruega e Dinamarca.
- 19—Austria. Tcheco Slovaquia, Yugo-Slavia e Hungria.
- 20—Turquia Européa. Grecia e Bulgaria.
- 21—Relevo e depressões da Asia. Peninsulas, rios e ilhas.
- 22—Paizes da Asia.
- 23—População, raças, climas, recursos naturaes e economicos da Asia.
- 24—Montanhas da Africa, rios, paizes, cidades principaes.
- 25—O Egypto, a Abyssinia e a Liberia. Dominios Britannicos na Africa.
- 26—Dominios Francezes, Italianos, portugêses, hespanhoes. Congo belga.
- 27—Golphos, ilhas, estreitos, cabos.

Recursos naturaes e vegetação da Africa.

- 28—Oceania. Partes componentes. A Australia. *Systema orographico.*
29—Mares, peninsulas, estreitos. Principaes portos commerciaes da Oceania.

O lente,

Dr. Antonio Candido Vieira.

DESENHO

- 1—Definições e divisões geraes do desenho. Perfeito conhecimento das linhas em suas principaes posições.
- 2—Noções elementares de algumas figuras geometricas, indispensaveis do desenho a mão livre.
- 3—Linhas reguladoras do desenho.
- 4—Posição do alumno, do papel e do modelo. Distancia do modelo segundo as suas proporções.
- 5—Exercicios necessarios para o inicio do desenho a mão livre.
- 6—*Fusain*, Fixativo, suas vantagens.
- 7—Desenvolver a agilidade.
- 8—Educação da vista. Educação da observação.
- 9—Desenhos de objectos communs começando por solidos, abordando sómente as linhas que os contornam.

A professora,

Mirian Falcão Lima.

MUSICA

- 1—Definição da musica. Dos sons. Do pentagramma e sua definição. Como se contam as linhas e os espaços. Linhas supplementares superiores e inferiores.
- 2—Das figuras (notas e pausas) e seus valores. Claves. Suas differentes

especies e posições no pentagramma. Posição das notas quanto á clave de sol.

- 3—Do compasso. Compasso quaternario simples ou normal—sua definição e formação. Divisão do compasso quaternario.
- 4—Da ligadura. Do ponto de augmentação. Do compasso binario simples, sua definição e formação. Divisão do compasso binario. Compasso ternario simples, sua definição e formação. Divisão do compasso ternario. Dos tempos fortes e fracos.
- 5—Tons e semitons. Escala diatonica. Construcção da escala. Nomes que se dão aos sons que constituem a escala.
- 6—Dos accidentes accessorios (sustenido, bemol e bequadro; sustenido dobrado e bemol dobrado) e seus effeitos. Intervallos naturaes. Da barra de repetição ou ritornello.

O professor,

Frederico Regadas

COSTURA

- 1—Aperfeiçoamento do corte.
- 2—Richelieu, bordado branco, ponto russo, em peças de vestuario de uso proprio da alumna: camisas, aventaes, calças e combinações.
- 3—Confecções de vestidinhos de meninas, para uso caseiro.
- 4—Applicação do ponto de marea, em tapeçarias e roupas de uso domestico: toalhas, guardanapos e lençóes, etc.

A professora,

Maria de Albuquerque Lima.

2.º ANNO

PORTUGUÊS

- 1—Leitura e recitação. A bôa pronúncia.
- 2—Analyse e intelligencia de autores contemporaneos.
- 3—O valor da pontuação.
- 4—Noções de metrificacão portugueza.
- 5—Noções de estylistica.
- 6—Estudo integral do verbo.
- 7—Vícios de linguagem.
- 8—Concordancia regular e irregular.
- 9—Regencia regular e irregular.
- 10—A questãõ orthographica.
- 11—Revisão do estudo da lexeologia.

Cada ponto corresponde a varias lições. Exercícios praticos de composicão, redacção, invenção, conversão de verso a prosa, dicção, correcção de textos, declamação, etc.

Livros adoptados :

Grammatica Expositiva de Eduardo Carlos Pereira.

O Idioma Nacional de Anthenor Nascetes.

Diccionario de Synonymos—Fonseca e Roquete.

Diccionario de João Ribeiro ou Candido de Figueiredo.

O professor,

Adalberto Marroquin.

ARITHMETICA E ALGEBRA

ARITHMETICA

- 1—Razão por differença e por quociente. Razão simples, razão composta. Alteraçõs da razão.
- 2—Divisão de um numero em partes directas e inversamente proporcionaes.

- 3—Divisão em partes proporcionaes simples e composta.
- 4—Regra de tres simples. Methodos para a sua resolução: pratica, das proporções e de reducção á unidade. Exercícios.
- 5—Regra de tres composta. Methodos para a sua resolução: pratico, das proporções, de reducção á unidade, das causas e effeitos. Exercícios.
- 6—Juros simples. Formulas. Processo pratico applicado ao commercio. Exercícios.
- 7—Desconto por dentro e por fóra.
- 8—Regra de companhia simples e composta. Principios basicos. Exercícios.
- 9—Mistura e liga. Exercícios.
- 10—Cambio.

ALGEBRA

- 1—Definição de Algebra. Especies de signaes empregados na Algebra. Expressões Algebricas. Valor numerico de uma expressão algebrica. Expressões racionaes e irracionaes. Expressões inteiras e fraccionarias. Uso do parenthesis.
- 2—Monomios. Polynomio completo e incompleto. Gráu do monomio e do polynomio. Polynomio homogenio e heterogeneo. Igualdade e desigualdade. Termos semelhantes. Regra para a reducção de termos semelhantes.
- 3—Addição e subtração algebrica. Exercícios.
- 4—Multiplicação algebrica: monomio, polynomio por monomio, polynomio por polynomio. Regra dos signaes. Polynomios ordenados. Multiplicação ordenada. Theoremata. Pôr em evidencia um factor commum.
- 5—Divisão Algebrica. Divisão de duas

- potencias de uma mesma letra. Divisão de monomio inteiro por monomio inteiro, de polynomio por monomio, de polynomio por polynomio. Divisão que não se faz exactamente. Divisão de polynomios ordenados em relação ás potencias crescente e decrescentes. Divisibilidade por X-a. Theoremas. Exercicios.
- 6—Maximo commum divisor e Menor Multiplo commum. Frações algebricas.
- 7—Simplificação e redução de fracções Algebricas ao mesmo denominador. Exercicios. Operações sobre as fracções algebricas. Exercicios.
- 8—Equação. Gráo de equação. Dar a forma inteira a uma equação de termos fraccionarios. Resolução da equação do 1.º gráo a uma incognita. Problemas. Discussão das formulas dos valores da incognita.
- 9—Resolução de um sistema de equações a 2 ou mais incognitas pelos methodos de redução ao mesmo coefficiente e substituição. Formulas de Cramer. Discussão das formulas. Problema dos correios.
- 10—Resolução de um systema de equações de duas ou mais incognitas pelos methodos de comparação e de Bézout. Problemas.
- 4—Littoral brasileiro. Os grandes portos commerciaes do Brasil.
- 5—Noções ethnographicas e geologicas. Colonisação e immigração. Divisão administrativa, governo, religião, lingua. Recursos naturaes e economicos.
- 6—Estado do Amazonas.
- 7—Estado do Pará.
- 8—Estado do Maranhão.
- 9—Estado do Piahy.
- 10—Estado do Ceará.
- 11—Estado do Rio Grande do Norte.
- 12—Estado da Parahyba.
- 13—Estado de Pernambuco.
- 14—Estado de Alagôas.
- 15—Estado de Sergipe.
- 16—Estado da Bahia.
- 17—Estado do Espirito Santo.
- 18—Estado do Rio de Janeiro.
- 19—Estado de São Paulo.
- 20—Estado do Paraná.
- 21—Estado de Santa Catharina.
- 22—Estado do Rio Grande do Sul.
- 23—Estado de Minas Geraes.
- 24—Estado de Matto Grosso.
- 25—Estado de Goyaz.
- 26—Territorio do Acre e Districto Federal.

O lente,

Dr. Antonio Candido Vieira.

HISTORIA DO BRASIL

- O professor interino,
- Agnello Marques Barbosa.*
- CHOROGRAPHIA DO BRASIL
- 1—Posição geographica, pontos extremos, superficie, população, aspecto, clima e fronteiras do Brasil.
- 2—Vegetação brasileira, Orographia.
- 3—Systema potamographico.
- 1—Dynastias de Borgonha e de Avis. Descobertas maritimas, de D. João I a D. João II.
- 2—Descoberta da America. Tratado de de Tordesillas.
- 3—Descoberta do Brasil. Primeiras explorações.
- 4—Capitanias hereditarias.
- 5—Creação do Governo Geral do Brasil. 1.º Governador.

- 6—Administração de Duarte da Costa.
 - 7—Francezes no Rio de Janeiro. Acção repressiva de Mem de Sá.
 - 8—Companhia das Indias Occidentaes. Hollandezes na Bahia.
 - 9—Hollandezes em Pernambuco. Perda de Olinda e Recife. Morte de Calabar.
 - 10—Guerra hollandeza. Batalha dos Guararapes. Paz final de Portugal com a Hollanda.
 - 11—As bandeiras. Revolução Beckman.
 - 12—Palmares. Emboabas e Mascates.
 - 13—Francezes no Maranhão (1549). Francezes no Rio de Janeiro. Duclere (1710); Guguay-Truin (1711).
 - 14—Reinado de D. José I. O Marquez de Pombal.
 - 15—Conspiração Mineira.
 - 16—Transladação da côrte portugnêsa para o Rio de Janeiro.
 - 17—Independencia do Brasil.
 - 18—Reinado de D. Pedro II. Factos principaes.
 - 19—A abolição e a Republica.
 - 20—Governos republicanos.
- Livro indicado :
- Historia do Brasil, de Mario da Veiga Cabral.

A professora interina,

Maria Carmelita Cardoso.

PHYSICA

- 1—Physica. Divisão. Posição encyclopedica. Phenomenos physicos, chimicos e biologicos.
- 2—Materia. Ether. Constituição physica dos corpos. Estados de aggregação. Propriedades essenciaes, geraes, e particulares da materia.
- 3—Mecanica. Divisão mecanica. Forças. Representação e elementos das forças. Composição e decomposição

dos systemas das forças. Multipliação das forças. Roldanas.

- 4—Machinas simples e compostas. Alavancas. Generos de alavancas e suas applicações praticas.
- 5—Balanças: ordinaria, Roberwal, precisão, romana e decimal.
- 6—Pesadas: simples, tara, dupla ou de Borda.
- 7—Mecanica dos liquidos. Caracteres dos liquidos. Vazos communicantes. Poços ordinarios e artezianos.
- 8—Principio de Archimedes. Applicções praticas. Demonstração do principio com balança hydrostatica.
- 9—Pneumatica. Caracteres dos gazes. Athmosphera. Pressão athmospherica. Experiencia de Torricelli. Barometros.
- 10—Machinas pneumáticas de rarefacção e sua utilidade.
- 11—Acustica. Produção e propagação do som. Qualidade do som. Echo. Resonancia. Acustica das salas. Escala musical.
- 12—Optica. Luz. Corpos luminosos e illuminados. Corpos transparentes, translucidos e opacos. Decomposição e recomposição da luz branca. Photographia.
- 13—Thermologia. Produção do calor. Dilatações thermicas: cubica e linear. Consequencias praticas. Thermometria. Conductibilidade calorifica.
- 14—Rediação calorifica e suas leis.
- 15—Electricidade. Electroscopicos. Principio de Du-Fay. Effeitos da electricidade.
- 16—Magnetismo. Imans. Constituição dos imans. Leis das attracções e repulsões magneticas. Bussola e suas applicações.
- 17—Electro-magnetismo. Telegraphia.

- 18—Electricidade pelas reacções químicas. Pilhas em geral. Associações de pilhas.
- 19—Machinas electricas. Bobina de Ruhmkoff. Raios X. Radioscopia. Radiographia.
- 20—Noções de meteorologia.

O lente,

Dr. Manoel Herminio da S. Mesquita.

DESENHO

- 1—Recapitulação do 1.º anno.
- 2—Proporcionar primeiras noções do estudo de figuras. Adoptar o methodo de começar pelos fragmentos isolados, iniciando pelos *antigos* e depois alternar com os *modernos e contemporaneos*.
- 3—Noções summarias de pintura.
- 4—Theoria das côres.
- 5—Luz e côr.
- 6—Especies de luz.
- 7—Estudo mais completo do desenho com o jogo reciproco de luz e sombra variando o modelo gradativamente.
- 8—Noções summarias de perspectiva
- 9—Qualidades essenciaes de um *croquis*.

A professora,

Mirian Falcão Lima.

MUSICA

- 1—Escala menor e suas formas. Construcção da escala menor. Escala chromatica ascendente e descendente e como se pratica. Construcção da escala chromatica.
- 2—Intervallos em geral (naturaes e accidentados). Das inversões dos intervallos.

- 3—Da tonalidade. Modo maior e modo menor. Maneira de distinguir o modo menor do maior e vice-versa.
- 4—Accidentes fixos (sustenidos e bemoes) e respectivas posições na clave. Demonstrações de todos os tons por sustenidos e bemoes e seus relativos.
- 5—Tons synonymos. Notas enharmonicas. Semitons diatonicos e semitons chromaticos.

O professor,

Frederico Regadas.

COSTURA

- 1—Desenvolvimento do programma anterior. Primeiras lições de corte sob medida.
- 2—Trabalhos artisticos de phantasia para ornamento de casa: cortinas, reposteiros, almofadas, tapetes, stores, trise-bise, etc.
- 3—Confecções de roupas brancas e vestidos.

A professora,

Maria de Albuquerque Lima.

3.º ANNO

HISTORIA UNIVERSAL

- 1—Historia e sua divisão. Prehistoria.
- 2—Origem da humanidade. Tempos prehistoricos.
- 3—Noção de Arte. Arte prehistorica.
- 4—Raças humanas.
- 5—Egypto, Assyria e Babylonia.
- 6—Arte egypcia, assyria e babylonica.
- 7—Phenicia. Florescimento de Carthago.
- 8—Grecia antiga. Tempos heroicos. Religião e povo.
- 9—Esparta e Athenas.

- 10—Arte militar dos gregos. Colonias. Guerra com os persas.
- 11—Guerra do Peloponeso. A retirada dos dez mil.
- 12—Arte grega.
- 13—Alexandre e suas conquistas.
- 14—Fundação de Roma. Reis nacionaes e reis etruscos.
- 14—Republica Romana. Os Gracchos. Mario e Sylla. Decenviros.
- 16—Guerras punicas.
- 17—Primeiro triumvirato. Morte de Cesar.
- 18—Segundo triumvirato. Morte de Cassius e Brutus.
- 10—Augusto. Civilisação de seu tempo.
- 20—Tiberio. Caligula. Claudio e Nero.
- 21—Os 12 cesares, os Flavianos, os Antoninos.
- 22—Organisação e queda dos imperios romanos do Occidente e Oriente.
- 23—Arte romana.
- 24—Edade media. Feudalismo. Cruzadas.
- 25—A renascença na Italia, França e outros paizes.
- 26—Guerra dos cem annos. Joanna d'Arc.
- 27—Invenções e descobrimentos maritimos desde o reinado de Affonso V. de Portugal até D. Manoel I.
- 28—Importancia da descoberta da America e do Brasil.
- 29—Revolução franceza de 1789. Primeira Republica Franceza. Napoleão I e Luiz XVIII.
- 30—Syntese da historia contemporanea. Livros indicados ;
Historia Universal, de J. Ribeiro. Historia da Civilisação de Oliveira Lima. Historia Universal de Jonathas Serrano.

A professora interina,

Maria Carmelita Cardoso.

GEOMETRIA

GEOMETRIA PLANA

- 1—Preliminares indispensaveis ao estudo da Geometria. Corpo, extensão, volume, superficie, linha, ponto. Objecto da Geometria, sua divisão.

GEOMETRIA DA LINHA

- 2—A linha e suas especies : Linha em geral. Diversas especies de linhas.
- 3—Da linha recta em relação á direcção.
- 4—Posições relativas das linhas: Linha recta. Circunferencia.
- 5—Angulos e suas especies.
- 6—Variação angular.

GEOMETRIA DA SUPERFICIE

- 7—A superficie e suas especies: Superficie em geral. Diversas especies de superficie.
- 8—Polygonos: Polygonos em geral. Triangulos. Quadrilateros. Numero de diagonaes de um polygono. Decomposição de um polygono em triangulos. Somma dos angulos interiores do polygono. Valor de um angulo interior. Somma dos angulos exteriores. Valor dos angulos centraes.
- 9—Circulo e suas partes: Circulo. Partes do circulo.

ESTUDO COMPLEMENTAR

- 10—Medida das linhas: Da linha recta. Da linha quebrada. Da linha curva. Da circunferencia. Divisão da circunferencia.
- 11—Medida dos angulos.
- 12—Medida dos polygonos: Do Trian-

gulo. Do quadrilatero. Do polygono regular. Casos particulares. Do polygono irregular.

- 13—Medida do circulo e suas partes :
Do circulo. Partes do circulo.

GEOMETRIA NO ESPAÇO

- 14—Preliminares : Combinação de planos. Angulos diedros e angulos polyedros.

GEOMETRIA DO VOLUME

- 15—O volume e sua classificação.
16—Polyedros: Polyedros em geral. Polyedros regulares. Prismas. Piramides.
17—Corpos redondos : Corpos redondos em geral. Cylindro. Cone. Esphera. Partes da esphera. Partes da superficie da esphera.

ESTUDO COMPLEMENTAR

- 18—Medida dos polyedros.
19—Quadratura : Polyedros regulares. Prismas. Pyramides. Cylindro. Cone. Esphera. Partes da superficie da esphera.
20—Cubatura : Polyedros regulares. Prismas. Pyramides. Cylindro. Cone. Esphera. Partes da esphera.

Livros indicados :

Lições de Geometria Pratica de Laudelineo Freire. Curso de Geometria de Timoteo Pereira.

O professor,

Dr. Francisco José dos Santos Ferraz.

COSMOGRAPHIA E CARTOGRAPHIA

COSMOGRAPHIA

- 1—Astronomia e Cosmographia. Esphera

celeste. Varios systemas : de Philolaus, dos Egypcios, de Ptolomeu e de Copernico.

- 2—Vertical de um logar; horizonte; eixo do mundo. Coordenadas astronomicas. Instrumentos astronomicos.
3—O sol—Generalidades. Movimento apparente do sol; descripção do sol; elementos do sol; theoria do sol.
4—Distancia e dimensões do sol. Diametro apparente do sol; parallaxe do sol; distancia do sol á terra, massa e densidade do sol.
5—Planetas—Generalidades; satellites; orbitas dos planetas; leis de Kepler, gravitação universal; posições dos planetas.
6—Descripção de cada planeta. Mercurio, Venus, Terra, Eros, Marte, Jupiter, Saturno, Urano, Neptuno. Lei de Bohe. Asteroides ou planetas telescopicos.
7—Terra, sua fórma. A terra não toca o céo. A terra é redonda. Vertical e horizonte. Movimento diurno. Polos. Estrellas circumpolares. Equador, parallelos, meridianos. Meridiano de um logar. Cumprimento do meridiano e dos raios da terra. Posições da esphera.
8—Coordenadas geographicas. Latitude e longitude. Altura. Dia sideral. Determinação da longitude. Antipodas, antécos, periécos.
9—Representação da superficie da terra. Globos ou esferas terrestres. Mappa ou carta. Projecção orthographica. Projecção estereographica. Projecção cylindrica. Projecção conica.
10—Dimensões da terra. Forma exacta da terra. Metro. Refracção atmos-

pherica. Interior do globo, crosta terrestre. Relevo terrestre.

- 11—Principaes movimentos da terra: rotação da terra; translação da terra. Outros movimentos da terra.
- 12—Medição do tempo. Anno. Estações. Dias e noites. Desigualdade dos dias e das noites. Dia mais comprido segundo a latitude. Aurora e crepusculo.
- 13—Calendario. Generalidades. Varios calendarios: calendario juliano, calendario gregoriano, calendario russo.
- 14—Lua. Movimentos da lua. Orbita lunar. Phases da lua.
- 15—Marés. Phenomenos das marés. Marés lunares e marés solares. Resultado das duas attrações.
- 16—Eclipses. Sombra pura e penumbra. Eclipses da lua. Eclipses do sol. Eclipses totaes, parciaes, anulares. Diferenças entre os eclipses do sol e da lua. Frequencia e periodicidade dos eclipses.
- 17—Cometas. Orbitas cometarias. Composição dos cometas. Cometas periodicos. Cometas notaveis. Lendas sobre os cometas.
- 18—Estrellas cadentes, bólidos, aerólithos. Chuvas de estrellas. Origem das estrellas cadentes.
- 19—Estrellas. Grandezas ou magnitudes das estrellas. Numero total das estrellas. Constellações. Estrellas duplas e multiplas. Estrellas variaveis. Estrellas temporarias.
- 20—Nebulosas e Via Lactea. Theoria antiga das nebulosas. Grupos estrellares. Hypotheses cosmogonicas de Laplace. Noções sobre a historia da astronomia. Belleza da astronomia.

CARTOGRAPHIA

PARTE PRATICA

- 1—Traçado do contorno do Estado do Amazonas.
- 2—Idem do Estado do Pará.
- 3—Idem do Estado do Maranhão.
- 4—Idem do Estado do Piahy.
- 5—Idem do Estado do Ceará.
- 6—Idem do Estado do Rio Grande do Norte.
- 7—Idem do Estado de Parahyba.
- 8—Idem do Estado de Pernambuco.
- 9—Idem do Estado de Alagoas.
- 10—Idem do Estado de Sergipe.
- 11—Idem do Estado da Bahia.
- 12—Idem do Estado do Espirito Santo.
- 13—Idem do Estado do Rio de Janeiro.
- 14—Idem do Districto Federal.
- 15—Idem do Estado de São Paulo.
- 16—Idem do Estado do Paraná.
- 17—Idem do Estado de Santa Catharina.
- 18—Idem do Estado do Rio Grande do Sul.
- 19—Idem do Estado de Minas Geraes.
- 20—Idem do Estado de Matto Grosso.
- 21—Idem do Estado de Goyaz.
- 22—Idem do Territorio do Acre.
- 23—Traçado do contorno do Brasil, resaltando os varios accidentes geographicos.
- 24—Cartographia do globo terrestre. Traçar meridianos, parallellos, tropicos.
- 25—Traçar os contornos dos continentes.
- 26—Das cartas geographicas. Reducção de uma carta.
- 27—Das projecções. Projecções usuaes. Projecções de Lorgne, Flamisteed, Bonne, Ptolomeu, Murdock Delisle.
- 28—Projecção central. Carta plana de Mercator.

O professor,

Dr. Francisco José dos Santos Ferraz.

CHIMICA

PARTE THEORICA

- 1—Chimica, definição e objecto. Divisão e posição encyclopedica. Phenomenos physicos, chimicos e biologicos.
- 2—Materia. Constituição dos corpos : simples e compostos.
- 3—Notação. Formulas brutas ou empiricas, racionais ou scientificas.
- 4—Nomenclatura chimica.
- 5—Equações chimicas. Reações chimicas.
- 6—Leis das combinações chimicas: Lavoisier, Proust, Dalton e Gay-Lussac.
- 7—Acidos, bases e saes.
- 8—Classificação dos corpos simples. Dumas.
- 9—Protoxido de Hydrogenio. Propriedades physicas e chimicas. Aplicações.
- 10—Ar atmosférico; seus componentes constantes e variaveis. Propriedades physicas. Importancia do ar atmosférico.
- 11—Hydrogenio : preparações, propriedades physicas e chimicas. Aplicações.
- 12—Chloro, bromo e iodo: Preparações, propriedades physicas e chimicas. Aplicações.
- 13—Oxigenio : Preparações, propriedades physicas e chimicas. Aplicações.
- 14—Carbono, suas variedades allotropicas, propriedades chimicas mais importantes. Diamantes artificiaes.

PARTE PRATICA

- 1—Apparelhos usados nos laboratorios chimicos. Operações chimicas elementares: filtração, decantação, la-

vagem, crystalisação, distillação e sublimação.

- 2—Diferenciar os corpos acidos, basicos e neutros.
- 3—Mistura e combinação.
- 4—Analyse qualitativa das aguas : distilada, potavel e selenitosa.
- 5—Electrolyse do protoxydo de hydrogenio.
- 6—Preparar o hydrogenio e caracterisal-o.
- 7—Preparar o oxigenio e caracterisal-o.
- 8—Preparar o chloro e caracterisal-o.
- 9—Prepara o iodo e caracterisal-o.
- 10—Reconhecimentos das variedades allotropicas do carbono.

O lente,

Dr. Manoel Herminio da S. Mesquita.

DESENHO

- 1—Desenvolver o que estudaram no 1.º e 2.º anno.
- 2—Proporcionar as primeiras noções do estudo de figuras. Adoptar o methodo de começar pelos fragmentos isolados, iniciando pelos *antigos* e depois alternar com os *modernos* e *contemporaneos*.
- 3—Noções summarias de pintura.
- 4—Theoria das côres.
- 5—Luz e côr.
- 6—Especies de luz.
- 7—Branco e preto.
- 8—Côres primitivas ou simples.
- 9—Côres binarias ou compostas.
- 10—Côres complementares.
- 11—Justaposição das côres.

A professora,

Mirian Falcão Lima

MUSICA

- 1—Do duplo ponto de augmentação e respectiva demonstração. Das *quialteras* regulares e irregulares. Da *syncope* regular e irregular. Da formação dos compassos compostos mais usuaes. Compassos derivados.
- 2—Das figuras de ornamentos: *appoggiatura*, *mordente*, *trillo* e *grupetto*. Demonstração.
- 3—Do ponto de diminuição ou *staccato* e respectiva demonstração. Da abreviatura na escripta musical, da *fermata* ou suspensão. Signaes de repetição e de salto.
- 4—Da expressão. Signaes que indicam a expressão. Dos andamentos, sua definição e especies. Classificação das vozes e suas especies. *Tessitura* e timbre.
- 5—Transposição. Suas especies e regras que se devem guardar no que diz respeito á escala e aos accidentes. Transposição synonymica.
- 6—Melodia, harmonia e rythmo. Phrases e periodos musicaes. Accorde, sua definição.

O professor,
Frederico Regadas

COSTURA

- 1—Corte e confecção de vestidos de passeio, roupas brancas, *peignoirs*, etc.
- 2—Confecção de enxovaes para recém-nascidos: toucas, cueiros, babadouros, camisinhas, capas, saecolas e sapatinhos.
- 3—Trabalhos diversos: Richelieu, filet, labyrintho, Tenerife, Renascença, Venesa, crochet.

A professora,
Maria de Albuquerque Lima

4.º ANNO

PORTUGUÊS HISTORICO E LITTERATURA
BRASILEIRA E PORTUGUÊSA

- 1—Classificação das linguas. Origens da lingua portuguesa. Dialectologia.
- 2—Latim litterario e o falado, ou popular. A declinação e a conjugação no Latim litterario e no popular.
- 3—Phonologia. A evolução phonetica e o aparelho de phonação. Leis gloticas. Figuras de metaplasmo.
- 4—Theoria das consoantes. Consonantismo.
- 5—Mobitidade do lexico portuguez. Formas divergentes e formas syncreticas. Derivação e Composição.
- 6—Flexionismo. Vestigios de casos na lingua portuguesa. Genero. Numero. Gráu.
- 7—Etymologia das palavras flexiveis e inflexiveis.
- 8—Semantica.
- 9—Syntaxe. Processos relacionaes do latim e do Português. Tropologia pronominal. Emprego dos conjunctivos.

LITTERATURA

- 10—Periodos de divisão da litteratura portuguesa, Gil Vicente, Camões.
- 11—Romantismo. Poetas e prosadores. Realismo. Eça de Queiroz. Guerra Junqueiro.
- 12—As raças formadoras da nacionalidade brasileira. As phases em que se divide a litteratura brasileira. Periodo de formação. Primeiras manifestações litterarias. Escola bahiana. Academias litterarias.
- 13—Os tres lyricos da Escola Mineira. O romantismo na poesia e na prosa. Naturalismo na Historia e na Criti-

ca. Cruz e Souza. A litteratura contemporanea.

O professor.

PEDAGOGIA E METHODOLOGIA

PSYCHOLOGIA

- 1—Idéa de consciencia.
- 2—O inconsciente.
- 3—O organsimo e a vida mental.
- 4—O meio social e a consciencia individual.
- 5—A Psychanalyse pedologica.
- 6—As tendencias.
- 7—O habito.
- 8—A memoria.
- 9—A associação.
- 10—A attenção.
- 11—As sensações.
- 12—As percepções.
- 13—As idéas abstractas e geraes.
- 14—O julgamento e a crença.
- 15—O raciocínio e a razão.
- 16—A imaginação.
- 17—A representação do futuro.
- 18—A linguagem.
- 19—A intelligencia.
- 20—O prazer e a dôr phisicas.
- 21—As emoções e os sentimentos.
- 22—As tendencias pessoaes.
- 23—As tendencias impessoaes.
- 24—As tendencias altruisticas.
- 25—As paixões.
- 26—A actividade expontanea, reflexa e instinctiva.
- 27—A vontade.
- 28—O caracter.
- 29—A personalidade humana.
- 30—Historia de Pedagogia.
- 31—Orthophrenia.
- 32—Psychologia experimental.

METHODOLOGIA

- 1—Methodologia de ensino geral.
- 2—Casas dos Meninos.
- 3—Cursos pre-vocacionaes.
- 4—Instrucção primaria.
- 5—Função da escola.
- 6—Escola Rural.
- 7—Escola Urbana.
- 8—Ensino intuitivo.
- 9—Methodos de leitura.
- 10—Methodos de calligraphia.
- 11—Methodos de Lingua materna.
- 12—Methodos de Historia.
- 13—Methodos de Geographia.
- 14—Methodos de Arithmetica.
- 15—Ensino do Desenho.
- 16—Ensino da Gymnastica.
- 17—Ensino do canto.
- 18—Ensino das sciencias naturaes.

O professor,

Renato de Alencar.

HISTORIA NATURAL

- 1—Historia Natural. Definições. A grande importancia do seu conhecimento.
- 2—Unidade da materia. Critica.
- 3—Concepção do Universo. Cosmogonias. Theorias. Critica.
- 4—Cellula. Tecidos.
- 5—Alguns crustaceos brasileiros. Alguns molluscos brasileiros. Alguns insectos brasileiros. Parasitas do homem.
- 6—Vertebrados em geral. Principaes especies de peixes comestiveis do Brasil.
- 7—Batrachios. Repteis.
- 8—Aves.
- 9—Estudo geral dos mammiferos.

- 10—Transformismo. Symbiose. Mutualismo. Exclavismo. Parasitismo. Mimetismo. Eugenia.
- 11—Botânica. Definições. classificações dos vegetaes. Critica.
- 12—Cellula e tecidos vegetaes.
- 13—Raiz.
- 14—Caule.
- 15—Folha.
- 16—Reprodução dos vegetaes.
- 17—Flôr.
- 18—Fructo.
- 19—Plantas brasileiras.
- 20—Geologia. Sua importancia. Terra, sua origem. Composição da Terra, forma, dimensões, movimentos, etc.
- 21—Continentes. Theoria de Lowthian Green. Atmosphera, ventos, climas, etc.
- 22—Geodynamica. Acção das aguas. Acção hydro-chimica. Acção mechanica e acção physica do mar.
- 23—Calor interno. Nucleo de refração. Polynucleismo igneo. Circulação subterranea das aguas. Vulcanismo. Terremotos. Maremotos.
- 24—Geohistoria. Eras geologicas. Geologia do Brasil.
- 25—Mineralogia. Definição. Importancia do seu estudo. Alguns mineraes brasileiros.
- 26—Estudo dos caracteres organolepticos, morphologicos e physicos dos mineraes.
- 27—Rudimentos do estudo chimico dos mineraes. Algumas analyses. Magarico. Estudo da chamma.
- 28—Anathomia e Physiologia Humana. (Zoologia). Corpo humano. Funções, orgãos, tecidos, etc.
- 29—Apparelho locomotor e nervoso.
- 30—Apparelhos sensorial e circulatorio.
- 31—Apparelho respiratorio.
- 32—Apparelho digestivo.
- 33—Hygiene. Sua importancia. Divisão.
- 34—Ar. Luz. Calor. Clima. Aguas. Solo.
- 35—Hygiene dos orgãos dos sentidos. Vestuario.
- 36—Hygiene escolar : Predio. Situação. Construção. Iluminação. Ventilação. Material escolar.
- 37—Importancia dos exercicios physicos. O alumno normal e o alumno anormal.
- 38—Alimentação. Hygiene corporal.
- 39—Hygiene moral. Hygiene intellectual.
- 40—Molestias escolares. Meios de evital-as.
- 41—Prophylaxia em geral. Vaccinação Parasitas. Paludismo. Febre amarella. Peste bubonica.
- 42—Verminose.
- 43—Tuberculose.
- 44—Diphtheria, Grippe. Coqueluche.
- 45—Variola. Febres typhicas. Sarampo. Varicela.

O lente.

Dr. Jorge de Lima.

EDUCAÇÃO PHYSICA

PARTE TNEORICA

- 1—Origem e evolução da educação physica.
- 2—A gymnastica e suas especies. Gymnastica respiratoria.
- 3—A gymnastica applicada á escola. Individualisação do ensino.
- 4—Os factores clima, raça, sexo e idade na escolha do systema gymnastico.

Contam que Miguel Angelo, o grande mestre, quando acabou de esculpir a estatua de Moysés, maravilhosa obra-prima, se sentiu possuído de tal enthusiasmo que gritou ao marmore inanimado :

Parla !

O eminente geometra de Syracusa, Archimedes, achando a solução de uma importante questão mathematica, deixou, a correr, a sua sala de banho, bradando : Eureka ! Eureka !

Companheiras, não podemos tambem nós proclamar a nossa victoria com o arrebatamento que dominou o austero escultor e com a mesma vehemencia que chegou ao desvario no sabio syracusano ?

Veneemos ! Ha quatro annos passados entrámos para a Escola-Normal cheias de enthusiasmos e sonhos.

Muitas de nós nunca se haviam avistado. Extranhas eramos umas ás outras. Percorremos, guiadas por mestres proveitos, carinhosos e tolerantes, os bancos da nossa Escola, e, ao chegar ao fim de nosso curso, vimos deslumbradas que collegas já não eramos: haviam-nos tornado mais que isto: unidas pelos mesmos ideaes, companheiras de jornada no rumo de uma conquista preciosa e sacrosanta, eramos agora irmãs no affecto e no carinho que mutuamente trocavamos.

Muitas de nós já encetaram a missão que lhes foi confiada: dar aos pequeninos cerebros infantis, com meiguices de mãe e sabedoria de mestras, a luz da Instrucção, que lhes servirá para o futuro de guia nos caminhos accidentados e tão cheios de imprevistos da vida.

E agora que terminamos o nosso tirocinio escolar, volvemos para traz os olhos embebidos de mocidade e sonhos; veremos que se nublaram tristemente de lagrimas.

E' a saudade de tecto sob que passamos um longo cyclo de vida na mais suave har-

monia. E' a recordação dos professores queridos e sabios, da inspectora que, á similhaça de irmã primogenita, nos tolerava a turbulenta vivacidade de estudantes despreocupadas.

E'-nos doce recordar a dedicada attenção de que nos cercaram sempre os nossos directores, Drs. Adalberto Marroquim e Sidronio Santa Maria e o nosso vice-director Dr. Santos Ferraz.

A delicadeza dos seus gestos e attitudes tão util ao nosso desenvolvimento mental que nos está a pedir um perenne reconhecimento, evidenciado em demonstrações effusivas, a que devemos emprestar todo calor de nosso enthusiasmo.

Que elles vejam, portanto, agora a manifestação de sentimentos que se harmonizam para reconfortal-os nas horas de desalento e enchel-os de maiores alegrias nas horas serenas.

Mais poderia ainda dizer em referencia áquelles a quem agora me dirijo.

Seguindo-lhes os exemplos e dictames, deixando-nos dominar e absorver pelo amor á infancia dedicando-lhe os mais assiduos cuidados, plasmado-lhe a alma, esclarecendo-lhe o cerebro, avigorando-lhe o organismo, teremos cumprido o que de nós esperavam aquelles que tanto mourejaram para que fôssemos preceptores na altura da vida contemporanea do Brasil.

E no que acabo de dizer está o mais vasto de nossos programmas e a mais solenne de nossas promessas.

Que os nossos directores, vice-director, lentes e amavel inspectora a recebam como a laurea de sua victoria, a recompensa de seus labores, o epinicio que enaltece uma dedicacão illimitada e rara por todos demonstrada.

E depois o silencio. Elle falará bem alto de nossa saudade, através de cujo crepusculo, embaciado pelas lagrimas quen-

tes da despedida, rompem os clarões festivos de nossa victoria escolar.

Nelle se coneretizará toda a melancolia de um —

Adeus ! . . .”

Cessados os applausos que cobriram as palavras da oradora teve a palavra o paronympho Dr. Adalberto Marroquim. S. Exe. pronunciou o discurso que para aqui trasladamos :

Exm.^o Sr. Governador do Estado, Excellentissimas Senhoras, Minhas jovens patricias, Meus Senhores :

E' a primeira vez, desde que entrei nesta Escola, que pronuncio um discurso. Não foi o acaso porém que me fechou a bôcca. Fechou-m'a o proposito de não discursar, de não fallar, de não discursar, sobretudo, e, por esta razão, fugi e refugi sempre ás oppportunidades, receiando encontrar-me na situação a que me arrastaram as alumnas-mestras de 1927, situação de verdadeiro constrangimento para quem, como eu está mais habituado á acção silenciosa, e teme, sinceramente teme expôr o seu pensamento á controversia improductiva das esquinas e dos cafés. E apesar do meu proposito, e apesar do meu receio, eis-me aqui deante de vós, fazendo um discurso, se tão pomposo nome pôde caber a um conselho que é ao mesmo tempo um adeus.

Senhores,

A fatalidade geographica em primeiro logar e, depois, a fatalidade social reuniu num mesmo destino os Estados do Nordeste brasileiro creando-lhes uma mentalidade que differe fundamente da de outros de diversa posição geographica. Não discuto (isto seria inopportuno), nem procuro as causas que determinam essas differenças, procuradas, discutidas e ainda divulgadas nos conceitos esparsos dos poucos sociologos que se occuparam do assum-

pto, mas é forçoso computar na série de phenomenos que as marcam tão vivamente, o problema da instrucção publica, da educação popular por aqui ainda muito precaria, ainda balbuciante, enfaixada e, a despeito de certas vaidades e de certas estatísticas, na sua primeira infancia. Obrigados a assimilar o esforço do occidente europeu que vinha ha seculos marchando vagarosamente para a *epoca das luzes*, para o *homem machina* de La Mettrie, e para o neo-humanismo, um que considera o homem como machina complicada, outro que baseia todo seu systema na utilidade das cousas e enfim o terceiro que considera o util cousa secundaria e valioso o que o é por si mesmo; obrigados a estabelecer uma orientação ditada e fiscalizada, mal ditada e mal fiscalizada pela metropole, sem methods nem processos pois que uns e outros faltavam aos orientadores, parece-me que paramos definitivamente incapacitados de reagir contra um habito que se tornou doença e invadiu o organismo social e se aggravou na disciplina de alguns e na ignorancia de outros governantes.

Chegamos pois, ao fim, sem adquirirmos, nós nação nova, até hontem colonia de uma pequena nação, os conhecimentos com a dôr da experiencia, com o suor productivo do trabalho extenuante que era bem pago se de uma geração se podia colher uma idéa, um principio, uma noção e dormimos tranquilos porque os seculos de antes e depois de Christo haviam trabalhado em proveito nosso. Começamos a pensar em lêr e ensinar a lêr quando Kant, o illuminado intellectualista, Gotlieb Fichte, o homem dos "Discursos á Allemanha", Goethe, o neo-humanista da arte, Pestalozzi, Schleiermacher, Frederico Herbart e tantos outros, de embate de idéas e theorias oppostas haviam construido o edifi-

cio da pedagogia moderna que culminou depois com Froebel, Montessori, e os colaboradores silenciosos dos laboratorios e dos hospícios, na theoria da educação activa que substitue por qualquer outra actividade a liberdade de iniciativa e a tendencia professional como estimulante das faculdades inventivas da criança.

A pedra lançada pela philosophia de Pestalozzi e Fichte é agora apanhada pelos cientistas modernos que dellas arrançam as consequencias praticas.

Emquanto isto, nós ficamos, nós do norte, no logar onde Portugal nos deixou, com um pouco de verniz que D. Pedro, o II, homem de sciencia e homem de arte, nos legou. E dahi por diante, nada.

Meninas, deveis lembrar-vos que ha bem pouco tempo o trabalho do professor, consoante ensinavam os pedagogos (conductor de crianças) consistia em saber se o menino havia decorado a lição, se ella estava na ponta da lingua, se, em summa, o menino havia estudado. Se, ao interrogatorio o desventurado não decorava as respostas a que correspondia uma certa pergunta, entrava em acção a ferula e o berreiro não era deste mundo. Isto era de hontem e, ai de nós, ainda é de hoje aonde não póde chegar a vigilancia do poder publico e onde certos paes estão convencidos de que a chave de cabeça é a palmatoria.

Uma anedocta que não prima pela novidade, que move sempre ao riso, vale quando meditada por um relatorio de qualquer inspector escolar. Dizia o professor :

— "Seu José: 4 e cinco ?

— Nove, seu fessô.

— Oia eu vou vê na taboada; se não tivé certo eu te lasco a mão de bolo !" Isto é um compendio vivo de methodologia — A um só tempo verificamos: a ignorancia do professor, cousa não muito rara,

o processo de ensino e o meio suavorio do espancamento physico.—Parece incrível, mas ainda hoje, *mutatis mutandis* se vêem coisas desta estofa. Eu mesmo, minhas caras afilhadas, obrigado pelas circunstancias a lêr tudo e de tudo aprendi que o ensino objectivo é o ideal para tocar a intelligencia da criança e desenvolvê-la em presença dos objectos. Pois bem. Num dia de argumento, daquelles argumentos tão do gosto dos professores que nós chamamos hoje de antigos, aquelle argumento á prova de logica e de memoria, o argumento do 4 vezes 5 noves fóra vezes 8, eu tive a intuição do methodo objectivo. Formada a roda, perguntou-me o professor a queima-roupa: 8 vezes 3 noves fóra vezes 6. Titubiei. Adeante. O outro, que estava de sangue frio e já havia feito o calculo, respondeu certo. O professor que por signal era um padre, passou ao collega a palmatoria. Era meu amigo e deu-me um bolo de camarada, chôcho. O padre ergueu-se e disse-me: assim, não, e pegando da palmatoria applicou-me um bolo respeitavel — e voltando a meu collega mandou que repetisse o exercicio. O colleguinha fez tal e qual. Eu me torci mas em compensação, ao recordar este acontecimento, que teve uma tão funda repercussão no meu cerebro, verifico que foi a unica lição intuitiva que recebi no meu curso primario.

Se eu tivesse pois autoridade para dar-vos um conselho, minhas amiguinhas, deveria certamente obter de vós o compromisso de não perguntar a nenhum alumno o 4 vezes 5 noves fóra vezes 5; de não verfiicar na taboada quanto é 4 e 5 e de não lascar de bolo a mão de ninguem. Assim eu me julgo muito mais sincero do que lembrando-vos quatro ou cinco postulados dos vossos deveres professionaes.

Para a minha saudade, porém, minhas

amiguinhas, para a vossa saudade, eu não sei que palavras vos diga. Ha sentimentos... ou melhor, os sentimentos não pódere caber na significação formalística dos vocabulos. A gente sente e não sabe dizer porque sente.

Logo depois teve inicio a parte recreativa no Theatro da Escola com a execução do programma seguinte :

Coral da Geisha.

Concurso final de declamação — a premio.

Bonecas de mola—Humbertina Fazio, Diva Guimarães, Dinalva Accioly, Bernardeth Jucá, Didima Lopes.

“Branca de Neve”—Reprise da opereta em 3 actos de Carlos Góes e musica do maestro Alexandre Weisseman.

Distribuição — Branca de Neve—Renée Aboab. Rainha Madrasta — Celeste Pereira. A Aia—Djanira Marroquim. O Mordomo—Maria José Normandia. Principe Omar—Coralia Gomes. Lugar-Tenente—Enaura Lins. Camponezas, anões, pagens, etc.

A assistencia que, apesar da noite de chuva, era vultuosa, mostrou-se satisfeita applaudindo cada numero executado.

Todas as meninas sahiram-se bem, tendo a 2.^a annista Djanira Marroquim Souza conquistado, por unanimidade, o premio offerecido pela Directoria Geral, na prova final de declamação.

A todo o acto esteve presente o dr. Sidronio Santa Maria, dignissimo Director da Instrucção Publica.

NOTICIARIO

VIDA ESCOLAR

MARÇO

DIA 1.^o

Foi mandado pagar a D. Maria de Lourdes Braga, professora effectiva da cadeira de Branca, no Municipio de Atalaia, a quantia de cincoenta mil réis... (50\$000), a que tem direito, de accordo com o Regulamento da Instrucção Publica, em vigor.

DIA 2

Foi indeferido o pedido de D. Gelberta Moura de Araujo Cavalcanti, professora

publica do povoado Tangil, Municipio de Viçosa, de seis mezes de licença para tratar de negocios de seu particular interesse.

— Foram concedidos 90 dias de licença ao Bacharel Archimedes Gomes da Nobrega, Inspector Geral do Ensino do Estado.

— Foi nomeado o Engenheiro Agronomo José Travassos Vieira, para exercer o cargo de Inspector Rural do Ensino do povoado Satuba, Municipio de Santa Luzia do Norte.

— Foi nomeada a alumna mestra, D. Alba de Mesquita Cavalcante, para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entrancia da cadeira de 1.^a categoria do

povoado Barra, Município de Camaragibe.

— Foi designada, para servir em comissão, no Grupo Escolar Ambrosio Lyra, do Município de Camaragibe, a professora publica de instrução primaria do povoado Barra, D. Maria dos Anjos de Oliveira Pinto.

— Foi exonerado o Bacharel João Apri-
gio Gomes da Silveira, do cargo de Presidente da Junta Escolar do Município Traipú, e foi nomeado, para substituí-lo, o cidadão Antonio Mendes Guimarães.

DIA 3

O Exm.^o Snr. Governador do Estado resolve approvar o termo de renovação de contracto celebrado nesta data entre o Sr. Secretario de Estado dos Negocios do Interior e D. Maria Peixoto Tavares de Figueirêdo, afim de ministrar, por mais um anno, o ensino de Costura e Corte aos alumnos do Grupo Escolar "Cincinato Pinto", desta cidade.

— Foi nomeada a alumna mestra D. Eulalia de Oliveira Graça para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira do sexo masculino do povoado Branquinha, Município de Muricy.

DIA 6

Foi exonerada, a pedido, D. Ophelia de Oliveira Gracindo, do cargo de professora adjuncta da cadeira de Desenho e Pintura do Grupo Escolar "Fernandes Lima".

— D. Augusta Laudelia Tavares, professora publica da 14.^a cadeira isolada desta Capital, pedindo sua jubilação, com todos os vencimentos, em virtude de não poder continuar a exercer suas funcções.

Foram designados os Drs. Leorne Mene-
cal, José Carneiro e Abelardo Duarte, para comporem a segunda junta medica de inspecção de saude a que se deve sub-
mitter a requerente.

— Foi indeferido, em vista dos laudos de inspecção medica, o pedido de jubilação da professora publica do povoado Chã do Pilar, D. Leonidia de Farias Ramos.

— Foi indeferido, á vista dos laudos de inspecção medica, o pedido de jubilação, da professora publica de Mundahú Meirim, em União, D. Claudemira dos Anjos Cavalcante.

DIA 7

— Foi exonerada, a pedido, a alumna-
mestra, D. Alba de Mesquita Cavalcante do cargo de professora extranumeraria da 1.^a cadeira isolada da cidade de Pão de Assucar.

— Foi nomeado o cidadão Gustavo Fiti-
paldi de Oliveira, para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Itajubá, Município de Leopoldina.

— Foi considerado sem effeito o acto nomeando o Bacharel João Domingos para exercer, respectivamente, os cargos de Membro da Junta Escolar do Município de Piranhas e Presidente da referida Junta, por não ter assumido os respectivos cargos no prazo legal.

— Foi nomeado o Bacharel João Domingos da Fonseca, para exercer os cargos de Membro da Junta Escolar do Município de Piranhas e Presidente em comissão, da referida Junta.

— Foi considerado sem effeito o acto de 25 de janeiro ultimo, nomeando o cidadão Modesto Lins, para exercer o cargo de Membro da Junta Escolar do Município do Pilar, o qual foi novamente nomeado para o referido cargo.

DIA 8

Foi mandado pagar á profesora D. Maria Elysa de Albuquerque Mello, a ajuda de custa a que tem direito, de accordo com o Regulamento da Instrucção Publica.

— Foi considerado em effeito o acto nomeando o Bacharel João Domingos da Fonseca, para o cargo de Membro da Junta Escolar do Municipio Piranhas, em virtude de sua nomeação para Promotor Publico de São José da Lage.

— Foi considerado sem effeito o acto de 25 de janeiro ultimo, nomeando o cidadão José Gomes Correia, para exercer o cargo de Membro da Junta Escolar do Municipio de Arapiraca, por não ter assumido o respectivo exercicio no prazo legal.

— Foi nomeado novamente o cidadão José Gomes Correia, para exercer o cargo de membro da Junta Escolar do Municipio de Arapiraca.

— Foram justificadas 7 faltas dadas pela professora da 1.^a cadeira de Jaraguá, desta cidade D. Maria Feliciano de Omena.

DIA 9

Foi exonerado, a pedido, o cidadão João Cancio de Andrade, do cargo de professor publico de instrucção primaria da cadeira do sexo masculino da cidade de Leopoldina.

— Foi nomeada a alumna-mestra, D. Maria José Esteves dos Santos, para o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado da cadeira mixta, vaga, do povoado Gameleira, Municipio do Parahyba.

DIA 11

Foi designada a professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta do po-

voado Barra, Municipio de Camaragibe, D. Alba de Mesquita Cavalcante, para servir, em commissão, no Grupo Escolar "Ambrozio Lyra", da cidade desse Municipio.

— Foi nomeada a alumna-mestra D. Euthalia Costa e Silva, para exercer o cargo de professora effectiva de 1.^a entrancia da cadeira mixta de 1.^a categoria do povoado Barra, Municipio de Camaragibe.

— Foi nomeada D. Zelina Alencar, para exercer o cargo de professora extranumeraria da cadeira vaga do sexo feminino da cidade de Paulo Affonso.

DIA 14

Foi mandado pagar a D. Alba de Mesquita Cavalcante, professora publica do povoado Barra, Municipio de Camaragibe, a ajuda de custo a que tem direito, na fórma do Regulamento da Instrucção Publica.

— Foi mandado pagar a D. Hygina Coelho, professora publica de 1.^a categoria da Villa de Limoeiro, a ajuda de custo a que a mesma tem direito.

— Foram justificadas as faltas dadas, por motivo de molestia, pela professora publica da cidade de São José da Lage, D. Eugenia dos Santos e Silva.

DIA 15

Conforme pediu, foi exonerada a professora subvencionada do povoado Unusú, Municipio do Pilar, D. Aurelia dos Santos Lima.

— Foi exonerada D. Alcina Simas, professora extranumeraria da Villa de Bello Monte, conforme pediu.

— Foram concedidos a D. Hermelinda de Jesus Gouveia, professora publica da cidade de Victoria, 30 dias de licença com os vencimentos da lei.

— Foi nomeada D. Nathercia Correia Serpa, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira vaga, do sexo masculino do povoado Pedra, Municipio de Agua Branca.

DIA 18

O Exm.^o Sr. Governador do Estado, tendo em vista a representação da Directoria Geral da Instrução Publica, em officio de 3 deste mez, sob n. 292 e de accordo com o artigo 291, do Regulamento da Instrução Publica em vigor, resolve decretar a perda por abandono de emprego, da cadeira mixta do povoado Jacuhype, Municipio de Porto Calvo, em que incorreu a professora publica da mesma cadeira D. Eudesia Santos.

— Foi exonerada D. Joanna Soares Bezerra, do cargo de professora publica subvencionada do povoado Roteiro, Municipio de São Miguel de Campos, conforme pediu.

— Foi exonerado o cidadão Jonathas Barretto, do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Girau, Municipio de Traipú, e foi nomeado para substituí-lo o cidadão Antonio Marcos dos Santos.

— Foram concedidos 60 dias de licença sem vencimentos a D. Thereza Peroba Medeiros, professora Publica de Atalaia.

— Foi mandado pagar a D. Maria dos Anjos de Oliveira Pinto, professora publica do povoado Barra, Municipio de Camaragibe, a ajuda de custo a que tem direito na fórmula da lei.

DIA 20

Foi mandado pagar a D. Hygina Coelho, a ajuda de custo a que a mesma tem direito, por ter sido nomeada professora

publica de 1.^a categoria da Villa de Limoeiro.

DIA 26

Foi nomeada D. Olivia de Albuquerque Lins para exercer o cargo de professora extranumeraria por tempo indeterminado, da cadeira, vaga, do povoado S. Sebastião, Municipio de Leopoldina.

— Foi nomeado o cidadão Lourenio de Albuquerque para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Barra, Municipio de Camaragibe.

DIA 28

O Exm.^o Sr. Governador do Estado, resolve licenciar, por um anno, na fórmula do artigo 249, § 1.^o do Regulamento expedido com o Decreto n. 1140, de 19 de Setembro de 1925, a professora publica de instrução primaria da cadeira do sexo feminino do povoado Utinga, Municipio de Santa Luzia do Norte, D. Amalia Leite do Nascimento.

— D. Antonia Brandão de Mello, professora publica da cidade de Maragogy, pedindo sua aposentadoria com o tempo a que tiver direito, em vista do seu estado de saúde não lhe permittir continuar a exercer suas funções. Foi designada a junta medica de inspecção de saúde a que se deve submitter a requerente.

— D. Rosa Virgolina Alves de Amorim, professora publica da 8.^a cadeira isolada do bairro da Levada, nesta Capital, pedindo sua aposentadoria com o tempo a que tiver direito. Foi designada a junta medica de inspecção de saúde a que se deve submitter a requerente.

— Foram justificadas 15 faltas dadas a contar de 16 a 30 de janeiro ultimo, por motivo de molestia, pela professora publica D. Suzana Galvão Salles.

— Foram justificadas 30 faltas dadas a contar de 26 de janeiro a 24 de fevereiro, pelo professora do povoado Rua Nova, em Victoria, D. Eulalia Moreira da Silva.

DIA 30

Foi nomeado o cidadão Joaquim Ferreira de Amorim, para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Cruz de Almas, deste Municipio.

— Foi nomeada D. Maria Stella Menezes de Oliveira, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira vaga do sexo masculino da cidade de Leopoldina.

— Foi nomeada D. Maria Augusta Wanderley para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Porto da Rua, Municipio de Pedras.

— Foi exonerado o Padre Antonio Cezar, do cargo de Inspector Rural do Ensino dos povoados Fernão Velho e Carrapato, deste Municipio e foi nomeado para substituí-lo, o Padre Durval Ignacio da Silva.

— Foi exonerado o cidadão Ascendio Evaristo Correia, do cargo de Inspector Rural do Ensino do povoado Cacimbinhas, Municipio de Palmeira dos Índios, e foi nomeado, para substituí-lo, o cidadão Luiz Amorim.

ABRIL

DIA 1.º

O Exm.º Sr. Governador do Estado, tendo em vista a representação da Diretoria Geral da Instrução Pública, em officio desta data, sob n. 491, resolve transferir a 1.ª cadeira subvencionada do sexo feminino do povoado Pedra, Municipio de Agua Branca, para o povoado Salgado, do

mesmo Municipio, acompanhando-a a professora D. Julia Bandeira Rodrigues.

— D. Maria da Gloria Nunes, professora publica de Capivara, Municipio de Traipú, pedindo sua jubilação com o tempo a que tiver direito, visto não poder continuar no exercicio de suas funcções. Foi designada a junta medica de inspecção de saúde, composta dos Drs. Leone Meneescal, Hebreliano Wanderley e José Rodrigues Mauricio a que se deve submeter a requerente.

— Foram designados os Drs. Leone Meneescal, José Rodrigues Mauricio e Hebreliano Wanderley, para comporem a junta medica de inspecção de saude de D. Laurinda Alves da Luz, professora publica do povoado Peroba, Municipio de Maragogy.

— Foram justificadas 30 faltas, dadas pela professora publica do povoado Taperaguá, Municipio de Alagoas, D. Amelia Coelho Pereira.

DIA 3

Foi nomeada a alumna mestra, D. Flora de Mello Vieira, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Itamaracá, Municipio de Muricy.

— Foi designada a professora publica do povoado Barra, Municipio de Camaragibe, D. Euthalia da Costa e Silva, para servir, em commissão, no Grupo Escolar "Ambrosio Lyra", da cidade daquelle Municipio.

— Foi nomeada a alumna mestra D. Mary Martins do Carmo, para exercer o cargo de professora effectiva da 1.ª entrança da cadeira de 1.ª categoria do povoado Barra, Municipio de Camaragibe.

DIA 5

Foram justificadas 15 faltas dadas pela

professora da cidade de Maragogy, D. Antonia Brandão de Mello.

— Foram justificadas as faltas dadas, a contar de 10 a 27 de janeiro, pela professora extranumeraria de Paulo Affonso, D. Maria Judith Malta de Sá.

DIA 8

O Exm.^o Sr. Governador do Estado, por acto de 31 de março findo, determinou que a professora publica subvencionada do povoado Pedra, Municipio de Agua Branca, D. Julia Bandeira Rodrigues, tenha exercicio effectivo no povoado Salgado, do mesmo Municipio, para onde foi transferida aquella cadeira por decreto desta data.

— Foram considerados sem effeito os actos nomeando o Bacharel Manoel Ribeiro de Moraes para exercer os cargos de membro da Junta Escolar do Municipio de Limoeiro e presidente, em commissão, da mesma junta, por não haver assumido o respectivo exercicio no prazo legal, tendo sido nomeado o Bacharel João de Lyra Flores para substituil-o nos referidos cargos.

— Foi considerado sem effeito o acto nomeando o Engenheiro Joaquim Alves da Silva para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Jacuhye, Municipio de Porto Calvo, por não haver assumido o respectivo exercicio no prazo legal, e foi nomeado para substituil-o, o cidadão Ulysses Accioly Wanderley.

— Foi nomeada D. Alice Mendes de Mello para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Jacuhye, Municipio de Porto Calvo.

— Foi nomeado o cidadão João dos Santos Marvilha para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Caxangá, Municipio de Porto Calvo.

DIA 11

Foram justificadas 30 faltas dadas pela professora publica subvencionada do povoado Peripery, Municipio de Limoeiro, D. Altina Elias de Lima.

— O Exm.^o Sr. Governador do Estado determinou que a professora publica subvencionada do povoado Renascença, Municipio de Palmeira dos Indios, D. Donatilla Soares de Albuquerque Rios, seja afastada do exercicio de sua cadeira, na fórma do artigo 8.^o do Regulamento expedido com o Decreto n.^o 1183, de 17 de Setembro de 1926.

DIA 12

Foi jubilada, por não poder continuar no exercicio de suas funcões, a professora publica da cidade de Maragogy, D. Antonia Brandão de Mello.

— Foi jubilada, por contar mais de 30 annos de serviço effectivo e estar impossibilitada de continuar no magisterio, D. Rosa de Virgolina Alves de Amorim, professora publica da 8.^a cadeira isolada da Capital.

— Foram concedidos á professora publica do bairro do Jacutinga, desta Capital, D. Leticia Canuto Xavier de Araujo, 30 dias de licença, com os vencimentos, na fórma da lei.

— Foi nomeada D. Maria Amelia Vieira para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Jundiá, Municipio de Porto Calvo.

— Foi exonerado o Bacharel Virgilio de Almeida Leite Azevedo dos cargos de Membro da Junta Escolar do Municipio de São José da Lage e Presidente, em commissão, da mesma Junta, por não residir mais no referido municipio, e foi nomea-

do, para substituí-lo, no ultimo dos alludidos cargos, o Bacharel João Domingos da Fonseca.

DIA 13

Foi exonerado por actos de 12 do corrente o cidadão Sizino Borges, dos cargos de Membro da Junta Escolar do Municipio de Triumpho e Presidente, em comissão, da mesma Junta, e foi nomeado, para substituí-lo, nos referidos cargos, o Bacharel Virgilio de Almeida Leite Azevedo.

— Foi mandada pagar a D. Maria de Carmo Macêdo, professora da cadeira de São Bento, Municipio de Maragogy, a ajuda de custo a que tem direito na fórmula do Regulamento da Instrução Publica.

DIA 18

Foi exonerada, a pedido, a professora extranumeraria da cadeira do povoado Paulo Jacintho, Municipio de Victoria, D. Lindinalva Carvalho.

DIA 20

Foram nomeados os cidadãos Ezequiel de Siqueira e Guilherme Alves da Silva para exercerem, respectivamente, os cargos de Inspectores Ruraes de Ensino dos povoados Porto Rico e São Sebastião, ambos do Municipio de Leopoldina.

— Foi exonerado o cidadão José Soares Filho dos cargos de Membro da Junta Escolar do Municipio de Anadia e Presidente, em comissão, da mesma junta, e foi nomeado, para substituí-lo, no ultimo dos alludidos cargos, o Bacharel José Teixeira de Carvalho.

DIA 21

Foi exonerado, a pedido, o cidadão Af-

fonso Soares Vieira do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Olho d'Água das Flôres, Municipio de Sant'Anna do Ipanema.

— D. Maria do Carmo Almeida, professora publica da cadeira mixta do povoado Poxim, Municipio de Coruripe, pedindo sua jubilação, por contar mais de 30 annos de serviço no magisterio e não poder continuar a exercer suas funções.— Foram designados para comporem a junta medica de inspecção de saude a que se deve submitter a requerente, os Drs. Leonne Menescal, Hebreliano Wandelely e José Rodrigues Mauricio.

— Foram nomeadas D. Carlina Mauricia da Silva e D. Maria Vicencia de Lima, para exercerem, respectivamente, os cargos de professoras extranumerarias, por tempo indeterminado, das cadeiras vagas, da villa de Junqueiro.

— Foram justificadas as faltas dadas pela professora publica do Grupo Escolar "Messias de Gusmão", em S. Luiz do Quintude, D. Elisabeth Campos Barbosa.

— D. Georgina da Silva Freitas, professora publica de Tanque d'Área, em Anadia, pedindo 60 dias de licença, para seu tratamento.

Foi designada a junta medica de inspecção de saúde a que se deve submitter a requerente.

DIA 25

D. Elvira Fernandes de Moraes, professora publica do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II" contando 26 annos, 11 mezes e 18 dias de serviço effectivo no magisterio, e achando-se impossibilitada de continuar no desempenho de seu cargo, pedindo sua jubilação, de accordo com o Regulamento da Instrução Publica em vigor. Foram designados os Drs. Leon-

ne Menescal, Hebreliano Wanderley e José Rodrigues Mauricio para comporem a primeira junta medica de inspecção de saúde a que se deve submitter a requerente.

DIA 26

D. Laura Moreira Lima, professora de musica do Grupo Escolar "Fernandes Lima", desta cidade, pedindo 90 dias de prorogação da licença em cujo gozo se acha. Foi designada a junta medica de inspecção de saúde a que se deve submitter a supplicante.

— Foi indefeido o pedido de remoção da professora publica do povoado Batalha, em Bello Monte, D. Guiomar Sampaio.

DIA 27

Foi exonerado o Bacharel João Pureza de Vasconcellos dos cargos de Membro da Junta Escolar do Municipio de Bello Monte e Presidente, em commissão, da mesma Junta, e foi nomeado para substituil-o, o Bacharel Augusto de Souza Campos.

— Foi nomeada D. Enedina Gomes da Silva para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado da cadeira, vaga, do sexo feminino do po-

voado Branquinha, Municipio de Muricy. — O Exm.º Snr. Dr. Secretario do Interior, por actõ de hontem, designou o lente cathedratico de Português do Lyceu Alagoano, professor Hygino Espindola da Costa Bello, para reger a cadeira, vaga, de Pedagogia e Methodologia da Escola Normal, até o seu definitivo provimento.

DIA 28

Foi removida por conveniencia do ensino, a professora publica da 4.ª cadeira da Levada, desta cidade, D. Aurea Alvim Wanderley, para a 3.ª cadeira isolada de Bebedouro, arrabalde desta capital.

— Por descuido foi omitido entre os actos do mez de fevereiro o decreto de 22 d-aquelle mez, que approvou o contracto celebrado na mesma data entre o Sr. Secretario do Interior e D. Helena de Amorim Barros, para ministrar, durante um anno, o ensino de educação physica aos alumnos da Escola Normal.

A REVISTA DE ENSINO assigna-se na Directoria da Instrucção Publica.

Por anno:

Na capital 24\$000

Para fora 25\$000

Dra. MARIA MONTESSORI

PÉDAGOGIE SCIENTIFIQUE

2 VOLUMES

VENDE-SE NA CASA RAMALHO-MACEIÓ

REVISTA DE ENSINO

SUMMARIO

Os dois carcondas	Julio Dorsay
Influencia da Lingua Arabe sobre o português	José B. d' O. China
Funcção da escola	Hygino Bello
Planos de aula	José Escobar
Cartas da cidade.	Maria Helena
Methodo Montessori.	M. de Poew
O pequeno patriota.	Luiz Pistarini
O ensino primario nos Estados.	Sylvio Rabello
Do alcoolismo infantil	Dr. Moncorvo Filho
Sobrenomes	Verid. de Carvalho
Methodologia	Diversos
A Educaçãõ	Flora Malta Ferraz
Liçãõ de coisas	
Os reinos da natureza.	
A balança	
O vocabulo Parahyba	Wenc. de Almeida
Noticiario	

